

Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior

Santiago Yubero
Elisa Larrañaga
Natividade Pires



Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior

**Santiago Yubero
Elisa Larrañaga
Natividade Pires**

Edição e propriedade

Instituto Politécnico de Castelo Branco
Av. Pedro Álvares Cabral, nº 12
6000-084 Castelo Branco, Portugal
www.ipcb.pt

Título

Estudo sobre os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior

Autores

Santiago Yubero, Elisa Larrañaga, Natividade Pires

Capa, ilustrações e layout

Rui Tomás Monteiro

Impressão e acabamentos

Instituto Politécnico de Castelo Branco

ISBN: 978-989-8196-41-5

DL: 373840/14

©



Índice

Prefácio	
Introdução	1
1. Objetivos do estudo	3
1.1. Dimensões e indicadores	3
1.2. Organização do texto	4
2. Metodologia de investigação	5
2.1. Participantes	5
2.2. Instrumento	6
3. O comportamento leitor dos estudantes do ensino superior	9
3.1. Comportamento leitor	9
3.2. Leitura e estilo de vida	15
3.3. Outras atividades de leitura	18
3.4. Motivação leitora	22
3.5. Perceção leitora	25
3.6. Resumo	28
4. Os hábitos de leitura dos futuros educadores	29
4.1. Medida do hábito de leitura	29
4.2. Hábitos de leitura dos estudantes de Educação	32
4.3. Perfis de leitura dos estudantes de Educação	41
4.4. Resumo	42
5. Conclusões	45
Bibliografia	49
Anexo: Questionário	51

Lista de Abreviaturas

LF – Leitores Frequentes

FH – Leitores Habituais

LO – Leitores Ocasionais

FL – Falsos Leitores

NL – Não Leitores

Prefácio

Ler durante toda a vida

Se é verdade que ninguém nasce leitor e que nunca conheceremos com rigor o que leva alguém a tornar-se um bom leitor, sabemos, isso sim, que se trata de um hábito adquirido desde cedo, em que a imitação e o exemplo desempenham um papel decisivo. A criança que ouve ler histórias, que cresce rodeada de adultos leitores e que se habitua a contactar com os livros como objetos do seu quotidiano terá melhores condições para desenvolver práticas regulares de leitura, tornando-se mais tarde um adolescente com progressiva autonomia para decidir quando lê, o que lê, como lê. Ao chegar ao Ensino Superior, será provavelmente um jovem adulto dotado de uma desenvoltura intelectual capaz de traçar o seu próprio caminho e de encetar o seu percurso de descoberta sem fim.

Todos desejaríamos que fosse este o retrato da maioria dos nossos alunos, mas também sabemos que em muitos casos não é assim. Este Inquérito – que tenho o prazer de prefaciá-lo e pelo qual felicito os seus autores – mostra-nos que a realidade vivida pelos nossos jovens estudantes do Ensino Superior está longe de se adequar a esse perfil, ficando aquém do que gostaríamos que acontecesse. Ao analisar os seus resultados, confirmamos algumas intuições sociais generalizadas – p. ex. a de que as mulheres lêem mais do que os homens –, mas também nos surpreendemos em face de certas expectativas do século XXI – p. ex. perante a ainda baixa penetração dos e-books, lidos habitualmente por apenas cerca de 5% dos estudantes. E se é certo que a prevalência dos hábitos de leitura dos nossos jovens académicos é comparativamente alta diante da população em geral, não é menos verdade que uma larga percentagem se situa ainda longe de ter sido conquistada pela leitura.

Um dado particularmente significativo parece-me residir na importância assumida pelo grupo dos chamados «falsos leitores» – jovens adultos que valorizam a leitura e que tendem a considerar-se leitores, mas cujo estilo de vida ainda não incorporou o hábito de ler ao ponto de o integrar com harmonia no seu quotidiano. Deve preocupar-nos o facto de este grupo ser relevante também nos cursos ligados à Educação, que albergam aqueles que um dia irão educar os jovens do Ensino Básico e Secundário. E aqui chegamos de novo ao ciclo da imitação e do contágio pelo qual a leitura costuma propagar-se: não é preciso ser muito sagaz para perceber que professores com o hábito e a paixão da leitura tenderão a formar futuros leitores, mas que, pelo contrário, professores sem esse gosto dificilmente o saberão inculcar nos seus futuros alunos.

Um Inquérito como este serve, acima de tudo, como alerta para aquilo que ainda falta concretizar em Portugal, neste domínio em que as políticas públicas de apoio à leitura – p. ex. as Redes de Bibliotecas Públicas, de Bibliotecas Escolares ou o Plano Nacional de Leitura – têm criado oportunidades de nos aproximarmos, pouco a pouco, dos índices de leitura europeus, mas permanecem sujeitas a circunstâncias sociais e económicas difíceis, num ambiente em que a leitura, sendo enaltecida como sinal de cultura, parece ter contudo pouco valor como meio de compensação económica imediata. Isto liga-se também à questão das Humanidades e de qual o papel que lhes reservamos numa sociedade tecnocrática em que tudo parece ser obrigado a possuir uma utilidade prática, ou seja, a servir para alguma coisa. Ora a leitura, como tal, não serve aparentemente para nada – a não ser para dar prazer a quem lê, o que já não é pouco. É nesse prazer insubstituível que os leitores se viciam, ao ponto de depois já não o conseguirem abandonar durante toda a vida – um prazer capaz de dar sentido ao absurdo que tantas vezes nos rodeia e de acender no espírito dos nossos jovens esse rastilho de pensamento e de imaginação que os transformará em seres humanos capazes de viver plenamente as suas vidas.

Lisboa, Janeiro de 2014

Fernando Pinto do Amaral
Comissário do Plano Nacional de Leitura

Introdução

O estudo que agora se apresenta resultou de um projeto do CEPLI - Centro de Estudios para la Promoción de la Lectura – da Universidade de Castilla-La Mancha, que incluiu um levantamento de dados sobre os hábitos de leitura dos estudantes do ensino superior em Espanha e Portugal. A colaboração entre professores da Universidade de Castilla-La Mancha e da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco foi determinante para ser possível concretizar o projeto. No entanto, nesta publicação apenas se analisam os resultados relativos à população portuguesa da amostra.

Pretendeu-se que essa amostra contemplasse alunos de instituições do norte, centro e sul do país, assim como do interior e do litoral, de pequenas cidades e de grandes cidades. Queríamos obter uma visão global e não marcada, eventualmente, por experiências de vida condicionadas por aspetos específicos de espaço geográfico, regional ou cultural. Por outro lado, não nos interessava qualquer distinção entre os estudantes dos dois subsistemas de ensino superior em Portugal (universitário e politécnico), já que os cursos que foram alvo de inquéritos são diversos e alguns são comuns aos dois subsistemas.

Em Portugal, os estudos sobre hábitos leitores de alunos têm colocado o enfoque em outros níveis de ensino, veja-se Lages et al. (2007). Daí que os dados que agora se publicam possam contribuir para um panorama relevante da população estudantil portuguesa numa faixa etária ainda não abrangida por outros estudos. Em 2009 foi publicado um artigo de Balça, Costa, Pires e Pais que se debruça sobre os hábitos de leitura dos estudantes de ensino superior, mas apenas dos cursos de formação de professores do ensino básico, partindo assim de uma amostra menos diversificada e mais pequena.

Os questionários do atual estudo foram passados a alunos de nove instituições, universidades e institutos politécnicos, em 2012. Queremos agradecer a colaboração dos colegas que nas suas instituições coordenaram, com a generosa disponibilidade de mais alguns, a passagem dos questionários aos alunos: Olga Fonseca (Universidade do Algarve), Maria Helena Santana, Marta Teixeira Anacleto e Joana Santos (Universidade de Coimbra), Ângela Balça e Paulo Costa (Universidade de Évora), Fernando Azevedo (Universidade do Minho), Ana Paiva Morais e João Luís Lisboa (Universidade Nova de Lisboa), Teresa Mendes (Instituto Politécnico de Portalegre), Armindo Mesquita (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Ana Oliveira (Instituto Politécnico de Viseu). Agradece-se ainda a colaboração de Tatiana del Rio Toledo, doutoranda da Universidade de Castilla-La Mancha.

Nas seis escolas do Instituto Politécnico de Castelo Branco a coordenação foi de uma das autoras, Maria da Natividade Pires, a qual coordenou também todo o trabalho de campo em Portugal.

1. Objetivos do estudo

O objetivo deste estudo é analisar o comportamento leitor e os hábitos de leitura dos estudantes portugueses do ensino superior. Estudaram-se os hábitos de leitura desta população com o intuito de conhecer, especificamente, os hábitos de leitura dos futuros profissionais da educação, dado que estes participarão na construção do hábito de leitura das próximas gerações.

1.1. Dimensões e indicadores

Os estudos realizados anteriormente sobre os hábitos de leitura permitem-nos delimitar cinco dimensões de análise, que resultam do interesse em conhecer o comportamento leitor e o hábito de leitura. Por sua vez, em cada uma destas dimensões, estabeleceram-se diferentes indicadores sobre os aspetos concretos que nelas se abordam.

Quadro 1: Dimensões e indicadores

Comportamento leitor	Frequência de leitura de livros Número de livros lidos no último ano Preferência de géneros literários
Leitura e estilo de vida	A leitura nos tempos livres Valor da leitura
Outras atividades de leitura	Leitura de imprensa Leitura na internet
Motivação	Motivos de leitura Gosto pela leitura
Perceção leitora	Relação com a leitura Valorização do nível de leitura

1.2. Organização do texto

Na primeira parte, recolhem-se os dados globais dos estudantes do ensino superior com o objetivo de conhecer o seu estilo de vida leitor, o seu comportamento leitor e a motivação que dirige a sua conduta, assim como a própria percepção leitora.

O estudo dos dados realizou-se analisando a amostra globalmente, ainda que se efetue, posteriormente, a sua segmentação para aprofundar o seu conhecimento. A primeira variável de análise foi o tempo que dedicam à leitura voluntária, agrupando os sujeitos em três grupos de estudo segundo a sua frequência de leitura: leitores frequentes, leitores ocasionais e não leitores. Desta maneira, a frequência de leitura constitui uma variável de análise, o que nos permite analisar a distribuição das outras variáveis do nosso estudo, em função do comportamento leitor.

Estudar-se-á a distribuição das variáveis em função do sexo, já que todos os estudos de leitura mostram diferenças entre eles, no sentido positivo em relação às mulheres. Para completar a informação e o contraste do comportamento leitor nos universitários, analisar-se-ão também os resultados em função do agrupamento de estudos por áreas.

Na segunda parte apresentam-se os resultados dos estudantes de Cursos de Educação porque entendemos que se trata de uma população especial de estudo, uma vez que serão os futuros formadores dos hábitos de leitura dos seus alunos no âmbito escolar.

2. Metodologia de investigação

Como mencionado anteriormente, o estudo estruturou-se em duas fases. Na primeira fase analisa-se a distribuição dos dados recolhidos globalmente, segmentando a amostra em função da sua conduta de leitura, que define os sujeitos como leitores e não leitores.

Na segunda fase, o estudo centra-se em conhecer os comportamentos leitores dos futuros educadores, visto serem mediadores muito importantes para a criação dos hábitos de leitura da população.

2.1. Participantes

No estudo participaram 9 instituições portuguesas de ensino superior, incluindo universidades e institutos politécnicos. Foi selecionada uma amostra de forma aleatória dentro de cada uma delas. O objetivo desta seleção foi garantir a presença de diversos cursos superiores, com representação de diferentes áreas de ensino. No total, participaram 1116 alunos de universidades e de institutos politécnicos.

A amostra fica estruturada da seguinte forma:

		%
Cursos/Áreas de estudo	Artes e Ciências Sociais	13.4
	Ciências e Engenharias	12.8
	Ciências da Saúde	11.4
	Ciências da Informação	10.5
	Educação	37.6
	Humanidades	14.3
Instituição de origem	Universidade do Algarve	9.5
	Instituto Politécnico de Castelo Branco	24.2
	Universidade de Coimbra	8.2
	Universidade de Évora	11.5

	Universidade do Minho	4.3
	Universidade Nova de Lisboa	6.6
	Instituto Politécnico de Portalegre	12.2
	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	13.5
	Instituto Politécnico de Viseu	9.9
Idades	18/19 anos	26.3
	20 anos	18.1
	21 anos	15.6
	22 anos	16.3
	23/25 anos	11.7
	+ 25 anos	11.9
Género	Homem	26.2
	Mulher*	73.8

*86.9% dos alunos de Educação são mulheres.

2.2. Instrumento de medida

A recolha de dados realizou-se seguindo a técnica de inquérito, para a qual se elaborou um questionário escrito (Anexo I), que foi respondido, individualmente, pelos sujeitos do estudo. Em todos os casos, o questionário foi aplicado por um professor da instituição e apresentado como material de base para a obtenção de informação para esta investigação. Aos sujeitos, era-lhes concedido o tempo que necessitassem para completar todas as perguntas.

Aplicou-se uma atualização do “Cuestionario de Hábitos de Lectura” (Larrañaga, 2004), que já foi utilizado em diversos estudos realizados pelo Centro de Estudios para la Promoción de la Lectura y la Literatura Infantil (CEPLI), sobre os níveis de leitura dos estudantes e a influência das variáveis psicossociais na formação dos seus hábitos de leitura (Yubero, Larrañaga, Cerrillo, 2004). Neste questionário recolhe-se informação sobre o tempo dedicado à leitura, o número de livros lidos no último ano, a leitura de imprensa, leitura na internet, a leitura dentro do estilo de vida dos universitários, variáveis motivacionais e a perceção leitora.

O questionário utilizado consta de perguntas abertas e fechadas, com escala de resposta, tanto a nível nominal como quantitativo. Extraídas as variáveis classificadas com uma escala de medição quantitativa, a análise factorial das mesmas satura num único factor que explica os 64.72% da variância (Tabela 2).

Tabela 2: Análise factorial

Variáveis	Extração	Peso factorial
Frequência de leitura voluntária	.480	.693
Número de livros lidos	.546	.739
Gosto pela leitura	.799	.894
Relação com a leitura	.763	.874
Nível de leitura	.737	.858
Valor da leitura	.557	.746

3. O comportamento leitor dos estudantes do ensino superior

3.1. Comportamento leitor

3.1.1. Frequência de leitura de livros

Quase 30% dos estudantes universitários lê livros todos os dias. Mais de uma quarta parte lê algumas vezes por semana. A soma de ambos os segmentos, 53.3%, representa o que se define como leitores frequentes. Os que leem pelo menos algumas vezes por mês (25.2%) ou algumas vezes por trimestre (8.7%), representam a categoria de leitores ocasionais (33.9%). Do mesmo modo, os que quase nunca leem (10.7%) ou nunca leem (1.2%), são os não leitores e somam 11.9% (Gráfico 1).

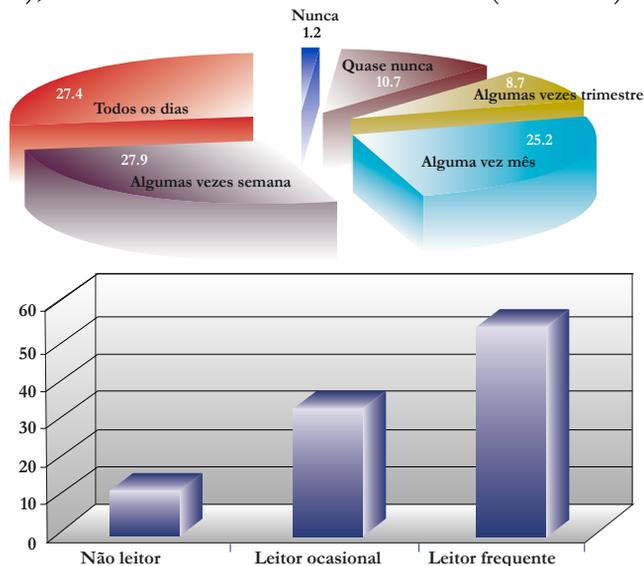


Gráfico 1: Frequência de leitura de livros e tipologia de leitores (em percentagem)

A tabela seguinte mostra a distribuição dos estudantes entre leitores frequentes, ocasionais e não leitores, para cada categoria das principais variáveis investigadas.

Tabela 3: Tipologia de leitores (em percentagem)

	Leitores Frequentes	Leitores Ocasionais	Não Leitores	X ² (p)
Homem	56.3	26.2	17.5	15.97 (.000)
Mulher	53.9	36.1	10.1	
De 19 a 22 anos	49.4	38.4	12.2	20.85 (.000)
Mais de 22 anos	62.8	26.2	11.0	
Artes y Ciências Sociais	50.3	32.2	17.4	58.32 (.000)
Ciências e Engenharias	51.0	32.9	16.1	
Ciências da Saúde	43.3	38.6	18.1	
Ciências da Informação	59.0	37.6	03.4	
Educação	51.4	37.1	11.4	
Humanidades	76.9	18.8	04.4	

Como se pode observar, as três variáveis de análise são significativas em relação ao comportamento leitor. Ressaltam as percentagens de homens nos leitores frequentes, os alunos com mais de 22 anos e os estudantes das áreas das Humanidades. Os não leitores são, em maior medida, também homens e os estudantes das áreas de Ciências, Artes e Ciências Sociais. O grupo, no qual se definem, em maior percentagem, como leitores, é o das áreas vinculadas às Ciências da Informação.

As mulheres são mais leitoras (90%, frequentes e ocasionais) que os homens (82.5%, frequentes e ocasionais). No entanto, os rapazes do ensino superior são, em maior medida, leitores frequentes, 33% lê todos os dias (Gráfico 2).

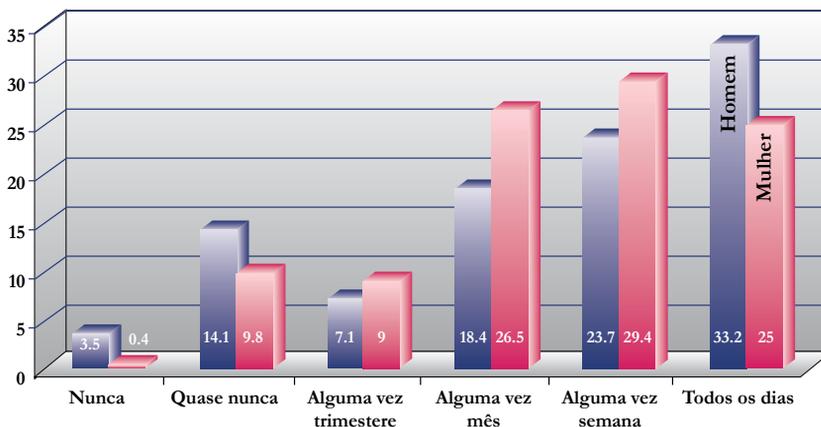


Gráfico 2. Frequência de leitura segundo o sexo (em percentagem)

3.1.2. Intensidade de leitura de livros

Número de livros lidos por ano

Mais de 90% dos alunos leu algum livro no último ano. Um terço dos estudantes lê entre 3 e 5 livros por ano (Gráfico 3).

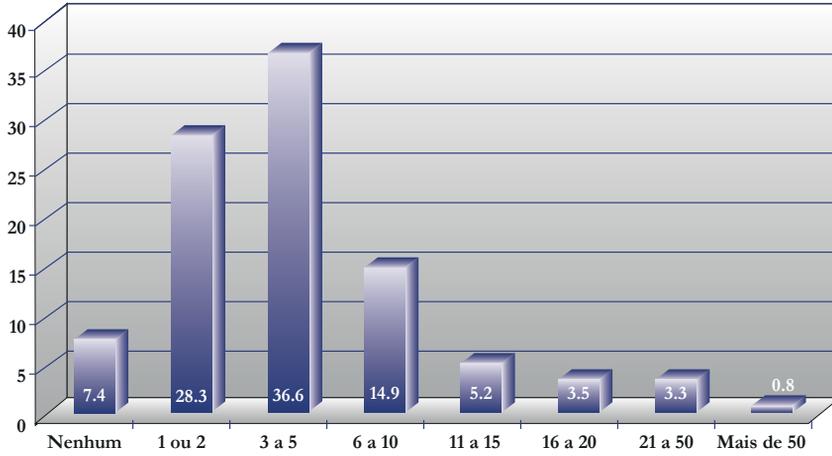


Gráfico 3: Número de livros lidos por ano (em percentagem)

A distribuição percentual do número de livros lidos, segundo as variáveis de estudo (Tabela 4), é:

Tabla 4: Número de livros lidos segundo variáveis de estudo (em percentagem)

	nenhum	1 ou 2	3 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 50	Mais 50
Não Leitor	37.4	44.3	13.7	0.8	0.8	0.8	0	0
L. Ocasional	5.1	2.3	34.8	20.3	45.5	35.2	9.9	20.6
L. Frequente	2.1	7.9	0.3	5.9	0	5.9	0	1.5
Homem	13.1	33.6	26.5	9.5	6.7	4.9	4.2	1.4
Mulher	5.3	26.9	39.7	17.2	4.7	2.9	2.8	0.6
19/22 anos	6.9	30.1	37.8	13.3	5.3	3.3	2.7	0.6
Mais 22 anos	8.2	25.7	34.9	17.3	5.0	3.6	4.1	1.1
Artes	8.9	28.1	37.7	15.1	6.2	3.4	0.7	0
Ciências	14.4	35.3	27.3	11.5	5.8	0.7	4.3	0.7
Saúde	10.2	35.4	33.9	14.2	3.1	1.6	1.6	0
Informação	4.4	35.4	37.2	11.5	3.5	5.3	1.8	0.9
Educação	6.7	28.5	42.2	15.6	2.6	2.2	1.4	0.7
Humanidades	1.9	11.3	30.8	18.9	13.2	9.4	11.9	2.5

82% dos não leitores lê no máximo 2 livros por ano. A maioria dos leitores ocasionais lê entre 3 e 5 livros por ano, enquanto que quase metade dos leitores frequentes lê mais de 6 livros por ano, 7.4% mais de 20 livros ($\chi^2= 365.60$, $p < .000$).

Segundo o sexo, produzem-se também diferenças significativas ($\chi^2= 45.66$, $p < .000$). Apenas 5% das mulheres não leu qualquer livro no ano anterior. No caso dos homens, os leitores têm maior intensidade leitora, 10% leu mais de 15 livros no último ano.

Relativamente aos cursos que estão a estudar, entre os alunos das áreas de Ciências, Artes e Ciências Sociais não há nenhum que tenha lido mais de 50 livros; além disso, quase metade deles leu apenas até dois livros. No entanto, quase um quarto dos estudantes das áreas de Humanidades superou os 50 livros de leitura. A área de estudos que realizam alcança significação estatística ($\chi^2= 159.35$, $p < .000$) em relação com o volume de leitura dos estudantes universitários e do politécnico.

A idade não faz diferença no número de livro lidos no último ano ($\chi^2= 8.35$, $p = .303$).

3.1.3. Preferência de géneros literários

70% dos estudantes do ensino superior lê romances (Gráfico 4).

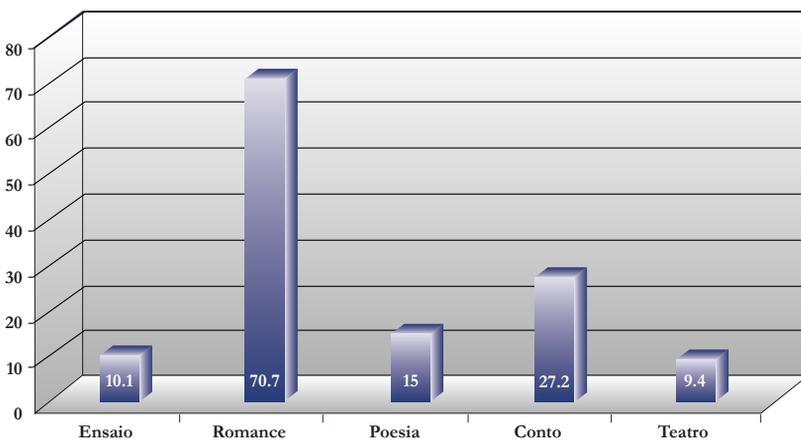


Gráfico 4: Leitura dos géneros literários (em percentagem)

Os estudantes com mais de 22 anos leem em maior percentagem ensaios, o que acontece igualmente com os leitores frequentes. Os últimos também leem com mais frequência poesia. Seguem o mesmo padrão os estudantes das áreas de Humanidades, que também referem a leitura de Teatro. Os estudantes de Educação e Informação leem mais contos que os outros estudantes (Tabela 5).

Tabela 5: Géneros literários preferidos segundo variáveis de estudo (em percentagem)

	Ensaio	Romance	Poesia	Conto	Teatro
Não Leitor	5.3	58.8	11.5	22.1	11.5
L. Ocasional	6.1	69.8	11.0	27.8	7.8
L. Frequente	13.6	73.8	18.2	27.8	10.0
Homem	17.1	42.3	14.3	29.0	12.9
Mulher	7.7	80.6	15.0	26.7	8.2
19/22 anos	6.6	75.2	12.8	26.1	9.4
Mais 22 anos	15.5	63.9	18.2	28.7	9.4
Artes	10.7	55.7	18.1	20.1	11.4
Ciências	15.4	53.1	9.1	19.6	7.0
Saúde	7.9	74.0	11.0	15.7	6.3
Informação	8.5	64.1	10.3	29.9	6.8
Educação	5.5	77.9	13.8	30.5	6.7
Humanidades	20.0	83.8	26.9	38.8	21.3

O sexo marca um padrão diferencial na leitura dos géneros literários (Gráfico 5). As mulheres dirigem-se claramente para a leitura de romances; os homens, ainda que elejam como género prioritário o romance, leem mais ensaios e teatro que as mulheres.

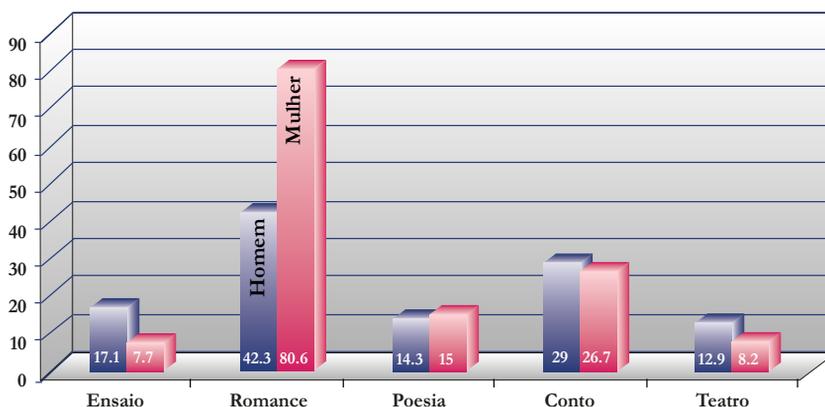


Gráfico 5: Leitura dos géneros literários segundo o sexo (em percentagem)

Nem todos os estudantes elegem os mesmos romances. Os leitores frequentes leem mais romances históricos que os outros estudantes. No que respeita às preferências relacionadas com os estudos, parece que estão ligadas ao comportamento leitor e que os estudantes de Humanidades leem mais romances históricos. Em relação à variável sexo, as mulheres elegem em maior número as histórias românticas e os homens as de terror e de ficção científica (Tabela 6).

Tabela 6: Preferências de temática segundo variáveis de estudo (em percentagem)

	Histórica	Aventuras	Intriga	Romântica	Terror	Ficção científica
Não Leitor	12.2	31.3	29.0	38.2	12.2	16.0
L. Ocasional	17.9	43.0	36.6	41.7	11.0	22.2
L. Frequente	32.4	39.1	34.7	42.6	10.0	24.7
Homem	26.6	41.3	29.4	18.2	15.0	32.2
Mulher	25.1	39.1	36.9	49.8	9.0	19.7
19/22 anos	23.0	39.9	38.4	44.5	10.0	22.4
Mais 22 anos	28.5	39.0	29.1	37.7	11.4	23.5
Artes	30.2	36.9	34.2	26.8	10.7	21.5
Ciências	18.9	41.3	37.1	22.4	15.4	27.3
Saúde	26.0	45.7	32.3	40.9	5.5	21.3
Informação	28.2	37.6	33.3	35.9	14.5	32.5
Educação	18.3	44.3	33.8	54.3	8.6	17.9
Humanidades	41.3	24.4	38.1	45.0	12.5	27.5

No gráfico 6 podem-se observar as diferenças na temática de leitura segundo o sexo.

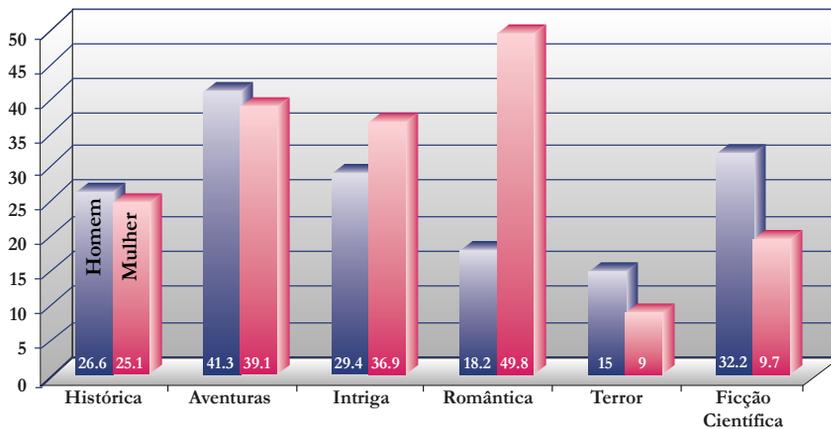


Gráfico 6: Preferência temática do romance segundo o sexo (em percentagem)

3.2. Leitura e estilo de vida

3.2.1. Leitura e atividades de lazer

A leitura ocupa um lugar intermédio entre as atividades que os estudantes universitários realizam durante o seu tempo livre (gráfico 7).

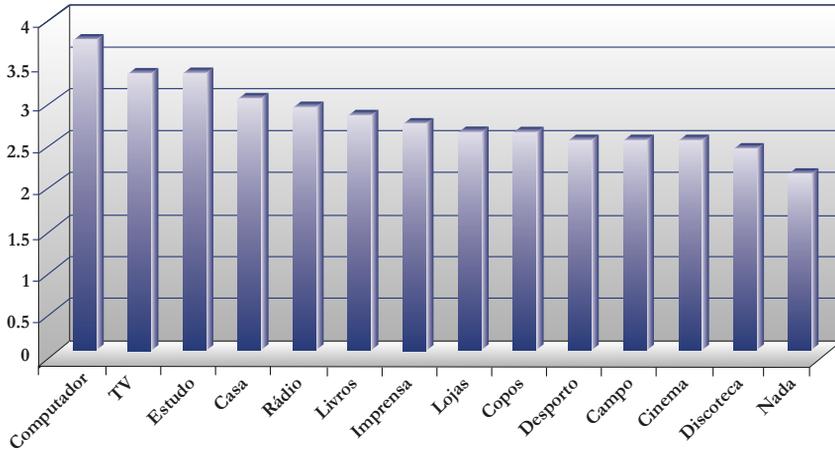


Gráfico 7: Atividades durante o tempo livre (média)

Nota: Escala de medida de 1 (Nada) a 5 (Muito)

Se olharmos para a distribuição do tempo livre que dedicam à leitura, segundo as variáveis de estudo (Tabela 7), podemos comprovar que a única variável que não influencia no tempo dedicado à leitura é a idade.

Tabela 7: Tempo livre dedicado à leitura de livros segundo variáveis de estudo (média)

	Média	Desvio Padrão	F	p
Não Leitor	1.79	0.73		
L. Ocasional	2.56	0.79	159.65	.000
L. Frequente	3.21	0.99		
Homem	2.58	1.10		
Mulher	2.92	0.97	23.08	.000
19/22 anos	2.82	1.02		
Mais 22 anos	2.83	1.03	0.02	.877
Artes	2.62	0.99		
Ciências	2.50	0.90		
Saúde	2.42	0.99	35.32	.000
Informação	2.96	0.99		
Educação	2.78	0.93		
Humanidades	3.67	0.96		

Nota: Escala de medida de 1 (Nada) a 5 (Muito)

As mulheres dedicam mais tempo livre à leitura que os homens. Por áreas de estudo, são os estudantes de Humanidades os que mais dedicam o seu tempo de lazer a ler. Os que passam menos tempo a ler são os estudantes de Artes, Ciências e Saúde. Os estudantes das áreas ligadas às Ciências da Informação e à Educação ocupam posições intermédias.

No que respeita à tipologia de leitores, como era de esperar, os leitores frequentes dedicam mais tempo de lazer à leitura. Na Tabela 6 podemos comprovar que a leitura ocupa posições diferentes na distribuição do tempo livre, segundo o tipo de leitor. Para os não leitores, a leitura não faz parte do seu estilo de vida de lazer, ocupando a última posição, inclusive depois de “não fazer nada”. (Tabela 8).

Tabela 8: Atividades durante o tempo livre segundo a frequência de leitura

Não leitor	Leitor ocasional	Leitor frequente
Computador	Computador	Computador
Televisão	Televisão	Estudar
Estudar	Estudar	Televisão
“Copos”	Tarefas domésticas	Leitura livros
Tarefas domésticas	Rádio	Tarefas domésticas
Rádio	Lojas	Rádio
Desporto	Imprensa	Imprensa
Discoteca	“Copos”	Cinema
Lojas	Discoteca	Campo
Imprensa	Leitura livros	Lojas
Campo	Desporto	Desporto
Nada	Campo	“Copos”
Cinema	Cinema	Discoteca
Leitura livros	Nada	Nada

Todos os alunos se sentem satisfeitos com o seu espaço de tempo livre. Não existe diferença entre os três grupos de tipologia leitora em relação à quantidade de tempo livre que dispõem, nem na avaliação que realizam do mesmo (Tabela 9).

Tabela 9: Tempo livre dedicado à leitura de livros segundo variáveis de estudo (média)

	Tipologia leitora	Média	F	p
Tempo livre disponível	Não Leitor	2.50	2.51	.082
	L. Ocasional	2.63		
	L. Frequente	2.63		
Avaliação Tempo livre	Não Leitor	3.66	0.94	.390
	L. Ocasional	3.76		
	L. Frequente	3.77		

Nota: Escala de medida de 1 (Nada) a 5 (Muito/Muito satisfatório)

3.2.2. O valor da leitura

Os estudantes universitários concedem um valor elevado à leitura, numa escala de 5 pontos alcançam um valor $M= 3.61$. As avaliações mais baixas são atribuídas aos itens que refletem o valor extrínseco e instrumental da leitura: “Ler dá-te prestígio” ($M= 3.30$) e “Ser leitor facilita-te a obtenção de um trabalho melhor” ($M= 3.21$).

Na Tabela 10 pode-se observar o valor descritivo da leitura segundo as variáveis de estudo. Mais uma vez, a idade não influencia o nosso estudo.

Tabela 10: Valor da leitura segundo variáveis de estudo (média)

	Média	Desvio Padrão	F	p
Não Leitor	3.02	0.92		
L. Ocasional	3.39	0.71	93.58	.000
L. Frequente	3.87	0.71		
Homem	3.33	0.89		
Mulher	3.70	0.74	45.51	.000
19/22 anos	3.59	0.76		
Mais 22 anos	3.63	0.85	0.42	.518
Artes	3.43	0.74		
Ciências	3.32	0.91		
Saúde	3.33	0.83	19.68	.000
Informação	3.76	0.74		
Educação	3.64	0.72		
Humanidades	4.04	0.76		

Nota: Escala de medida de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Muita importância)

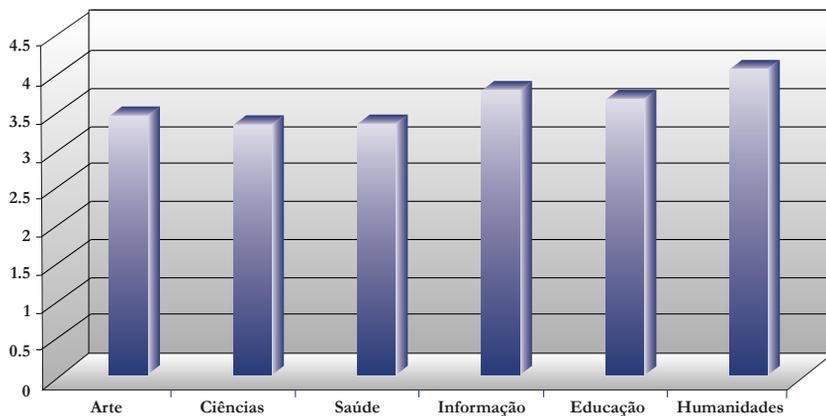


Gráfico 8: Valor da leitura segundo áreas de estudo (média)

O valor da leitura é superior nas mulheres e nos estudantes que são leitores, e em maior medida nos leitores frequentes. Na variável áreas de estudo, os universitários ficam agrupados em dois blocos (Gráfico 8). As áreas das Artes, Ciências e Saúde por um lado e, por outro, com um maior valor concedido à leitura e similar entre eles, agrupam-se as áreas de Ciências da Informação, Educação e Humanidades.

3.3. Outras atividades de leitura

3.3.1. Leitura de imprensa

A leitura de jornais estende-se a 96.4% dos estudantes universitários. De entre eles, 35% lê a imprensa com regularidade (Gráfico 9).

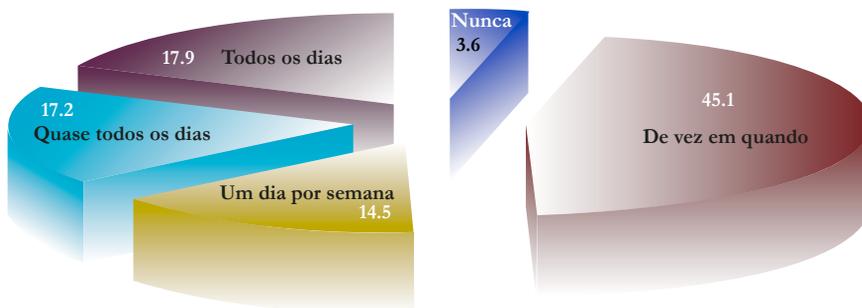


Gráfico 9: Frequência de leitura de imprensa (em percentagem)

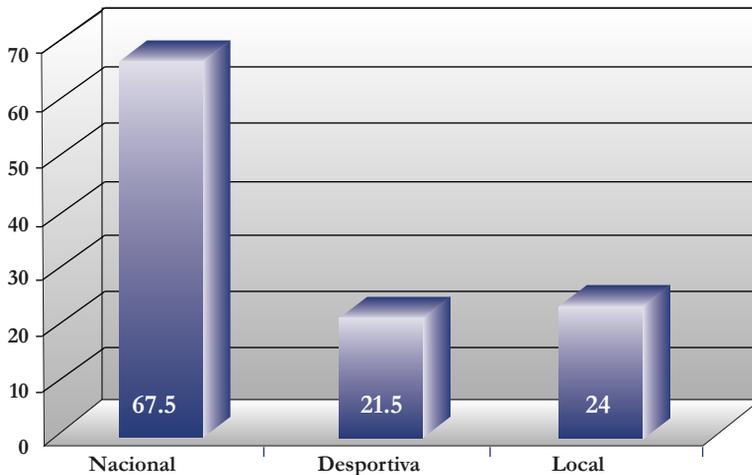
Os dados mostram que os homens leem mais imprensa e fazem-no com maior intensidade. A tipologia de estudos que realizam marca uma diferença importante nos estudantes dos cursos de Informação (Tabela 11).

Encontramos uma relação significativa entre a leitura de imprensa e a tipologia leitora ($\chi^2 = 36.54$, $p < .000$). Assim, 7.6% dos não leitores nunca lê o jornal, enquanto que entre os leitores a percentagem reduz-se a metade (4% de leitores ocasionais e 2.5% de leitores frequentes). Os leitores frequentes leem mais a imprensa que os outros.

A imprensa mais lida é a nacional (Gráfico 10). 15.3% não lê nenhum jornal; 44.4% lê, apenas, a imprensa nacional e 8.5% a imprensa local e quase 10% as duas, enquanto 7.7% lê, exclusivamente, imprensa desportiva. 4.2% lê todos os tipos de jornais sobre os quais inquirimos.

Tabela 11: Leitura de imprensa segundo as variáveis de estudo (em percentagens)

	Nunca em quando	De vez por semana	Algum dia os dias	Quase todos os dias	Todos
Não Leitor	7.6	46.6	9.2	19.1	15.3
L. Ocasional	4.0	50.0	10.7	19.0	12.6
L. Frequente	2.5	41.7	18.0	15.7	21.8
Homem	2.8	29.4	15.0	11.9	39.9
Mulher	3.9	50.7	14.2	19.3	10.1
19/22 anos	4.2	50.3	13.3	19.0	11.6
Mais 22 anos	2.7	37.2	16.4	14.6	27.4
Artes	3.4	43.0	20.8	18.1	12.8
Ciências	3.5	3.6	13.3	17.5	27.3
Saúde	0.8	46.5	13.4	18.9	18.9
Informação	0	29.1	21.4	12.0	34.2
Educação	3.8	52.6	11.7	17.6	13.6
Humanidades	8.1	48.1	13.1	17.5	13.1

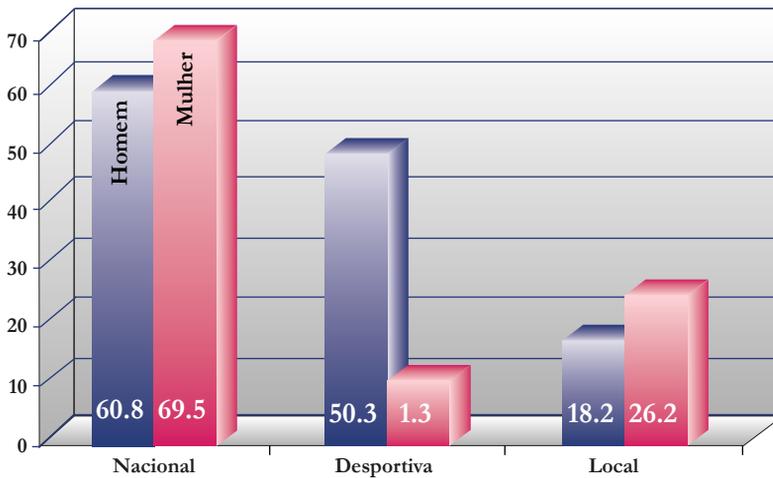
**Gráfico 10:** Tipologia de imprensa (em percentagem)

Se analisamos o tipo de imprensa em função da tipologia de leitores, a imprensa local é lida em percentagens similares pelos três grupos de leitores (Tabela 12). A leitura desportiva é preferida pelos não leitores, enquanto os estudantes que são leitores se dirigem preferentemente para a imprensa nacional.

Tabela 12: Tipologia de imprensa segundo a frequência leitora (em percentagens)

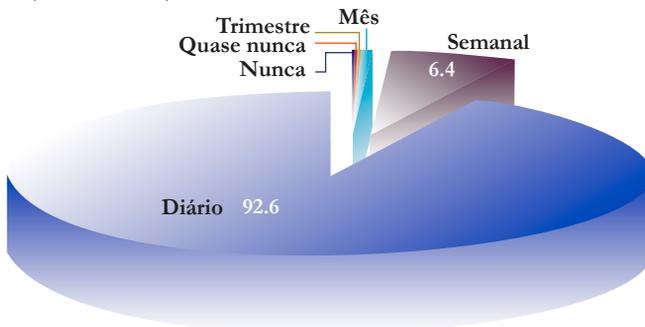
	Nacional	Desportivo	Local
Não leitor	51.1	29.8	20.6
Leitor Ocasional	65.5	20.3	24.9
Leitor Frequente	72.2	20.5	24.2

A variável sexo determina um aspeto diferencial, basicamente, na leitura desportiva (Gráfico 11). Quanto à frequência de leitura, ela é praticamente similar para homens e mulheres no que diz respeito à imprensa nacional e local.

**Gráfico 11:** Tipologia de imprensa segundo sexo (em percentagem)

3.3.2. Uso de Internet

92.6% dos estudantes universitários utiliza a internet diariamente e 6.4% fá-lo semanalmente. Apenas 0.2% nunca ou quase nunca acede à Internet (Gráfico 12).

**Gráfico 12:** Frequência de utilização de Internet (em percentagem)

Os alunos utilizam a Internet, principalmente, com objetivos sociais. 81.6% envia diariamente e-mails, 82.4% acede às redes sociais e 42.3% intervém em blogs. Metade descarrega filmes e música (56.1%) e apenas 5.6% usa para compras.

Não há diferença na frequência de utilização de Internet em função da variável sexo. Apenas se produz uma ligeira superioridade no uso diário por parte dos homens (94.7 contra 91.9% das mulheres). As outras variáveis de análise nem sequer mostram diferenças entre os grupos de estudo.

Os estudantes, sejam do ensino universitário ou politécnico, leem tanto em suporte digital como em papel (Gráfico 17). 95% através do computador e 37% pelo ecrã do telemóvel. Apenas 5% tem E-book.

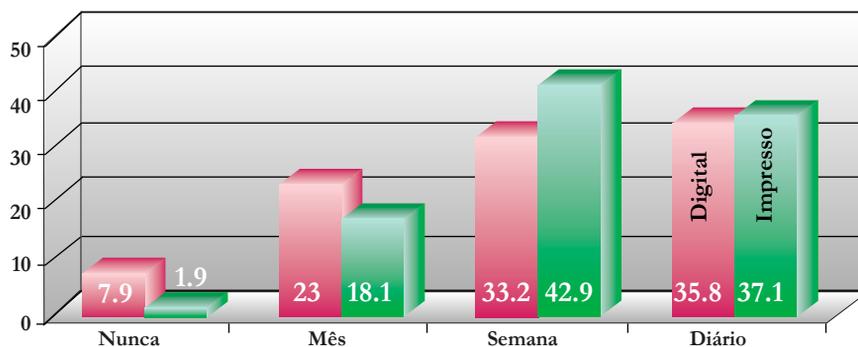


Gráfico 17: Suporte de leitura (em percentagem)

No que respeita às atividades que realizam na Internet, ligadas à leitura (Tabela 13), predomina a procura de informação e a leitura de jornais e revistas.

Tabela13: Frequência de utilização de Internet em atividades de leitura (em percentagem)

	Nunca	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por semana	Todos os dias
Procurar informação	1.1	8.7	45.8	44.4
Ler (livros)	44.3	40.8	11.5	3.5
Imprensa/Revistas	16.8	29.3	29.9	24.1
Descarregar livros	21.0	35.3	24.6	19.1
Comprar livros	64.8	29.5	4.8	1.0
Blogs de leitura	24.7	30.9	26.3	18.1

3.4. Motivação leitora

3.4.1. Motivos de leitura

A maioria dos estudantes assinala que lê para se informar, quase metade porque gosta e para se manter atualizado, um terço para aprender, 19% porque se diverte e 5% para se evadir (Gráfico 18).

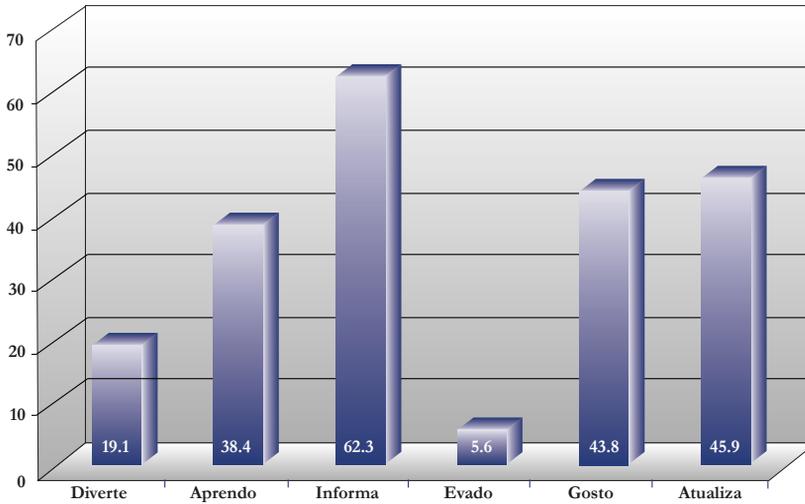


Gráfico 18: Motivos para ler (em percentagem)

Em função da sua frequência de leitura (Tabela 14), verifica-se, nos sujeitos que são leitores, o predomínio dos fatores relacionados com a motivação intrínseca, entre eles destaca-se ler por diversão. Assim podemos comprovar que, tanto uns como outros, leem porque gostam e se divertem, também dão valor à aprendizagem, à informação que recebem e ao estar atualizado (Gráfico 19).

Tabela 14: Motivos de leitura segundo frequência de leitura (em percentagem)

	Diverte	Evado	Aprendo	Gosto	Informa	Atualiza
NL	11.5	3.1	25.2	19.1	61.1	42.7
LO	12.6	4.3	34.0	38.8	62.0	44.1
LH	24.7	6.9	43.9	52.2	62.7	47.6

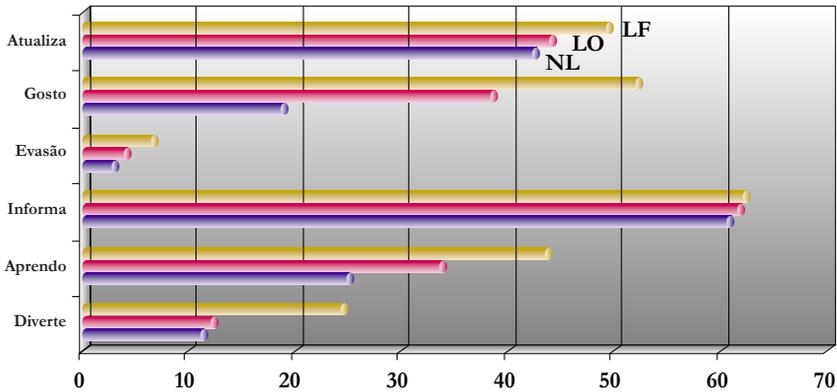


Gráfico 19: Motivos de leitura segundo frequência de leitura (em percentagem)

As diferenças por sexo (Tabela 15) mostram que os homens valorizam mais a informação que recebem da leitura, o que está de acordo com os dados revelados na leitura de imprensa. Nas mulheres destaca-se o gosto por ler, reflexo de uma motivação intrínseca para a leitura.

Tabela 15: Motivos de leitura segundo sexo (em percentagem)

	Diverte	Evado	Aprendo	Gosto	Informa	Atualiza
Homem	23.4	6.6	36.7	36.4	66.1	52.4
Mulher	17.8	5.3	39.2	46.8	60.8	44.3

Nos alunos das áreas de Informação destacam-se os motivos de informar-se (70.1%) e estar atualizado (53.8%); enquanto os alunos de Educação (42.4%) e de Humanidades (50.6%) destacam a aprendizagem. Coincidindo com o seu perfil de leitores frequentes, os estudantes das áreas de Humanidades recorrem a razões de motivação intrínseca: gostam de ler (51.9%), divertem-se a ler (31.3%) e a leitura evade-os (20.6%).

3.4.2. Gosto pela leitura

Numa escala de 1 a 10 pontos, a maioria dos estudantes informa que gosta de ler (Gráfico 20). Quase 38% situa-se num nível alto.

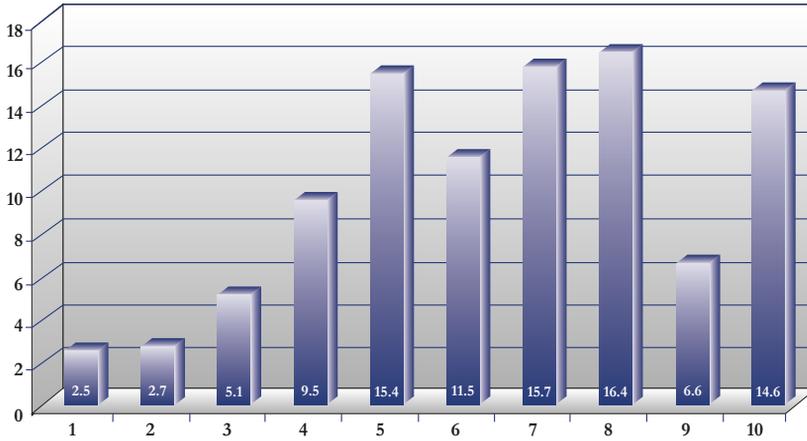


Gráfico 20: Gosto pela leitura (em percentagem)

Gostam mais de leitura as mulheres e os leitores frequentes. A maioria dos leitores ocasionais reporta um nível médio de gosto pela leitura. Segundo a área que estão a estudar, os estudantes de Artes, Ciências e Saúde são os que obtêm menos pontuação no gosto pela leitura. Quase 70% dos estudantes das áreas de Humanidades gostam muito de ler (Tabela 16).

Tabela 16: Gosto pela leitura segundo as variáveis de estudo (em percentagem e média)

	Baixo	Médio	Alto	M	F (p)
Não Leitor	42.7	51.1	6.1	3.94	
L. Ocasional	8.4	70.2	21.4	5.92	187.27 (.000)
L. Frequente	4.5	41.6	54.0	7.46	
Homem	19.6	52.1	28.2	5.81	
Mulher	7.0	52.1	41.0	6.79	37.52 (.000)
19/22 anos	9.4	55.8	34.7	6.45	
Mais 22 anos	11.7	46.5	41.9	6.67	2.29 (.130)
Artes	11.7	64.1	24.1	6.08	
Ciências	18.8	52.9	28.3	5.78	
Saúde	15.9	58.7	25.4	5.82	
Informação	6.2	51.3	42.5	6.89	22.38 (.000)
Educação	9.1	54.6	6.3	6.49	
Humanidades	3.2	29.1	67.7	8.07	

Nota: Escala de medida de 1 a 10 pontos

3.5. Perceção leitora

3.5.1. Relação com a leitura

Os dados mostram que 6 de cada 10 estudantes do nível de ensino em causa avaliam como positiva a sua relação com a leitura (Gráfico 20).

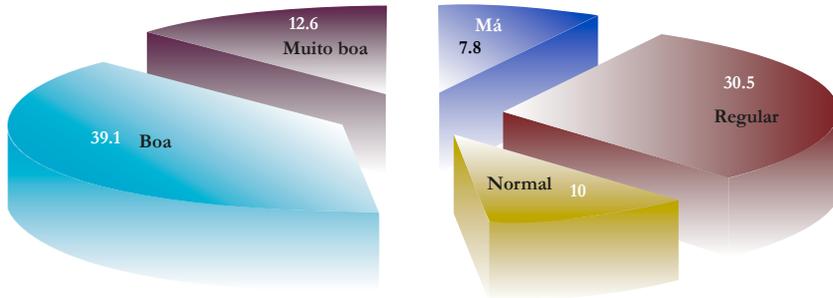


Gráfico 20: Distribuição da Relação com a leitura (em percentagem)

As mulheres (55%) mostram melhor relação com a leitura que os homens (50.2%). Por idades não ocorrem diferenças (Tabela 17).

Tabela 17: Relação com a leitura segundo as variáveis de estudo (em percentagem)

	Má	Regular	Normal	Boa	Muito boa
Não Leitor	32.8	33.6	23.7	7.6	2.3
L. Ocasional	6.6	42.0	14.3	34.1	3.0
L. Frequente	3.1	23.0	4.6	48.9	20.5
Homem	14.1	30.4	15.2	30.7	9.5
Mulher	5.1	30.9	8.5	41.8	13.7
19/22 anos	7.5	30.1	10.2	41.4	10.8
Mais 22 anos	8.2	31.1	9.8	35.7	15.2
Artes	9.6	28.1	16.4	39.7	6.2
Ciências	13.7	39.6	7.2	31.7	7.9
Saúde	12.6	28.3	19.7	27.5	11.8
Informação	4.4	27.2	7.9	45.6	14.9
Educação	6.9	35.6	7.9	39.6	1.0
Humanidades	1.9	15.6	6.3	48.1	28.1

Por cursos, os estudantes de Informação (60%) e dos cursos de Humanidades (76%) são os que avaliam mais positivamente a sua relação com a leitura. No extremo oposto encontram-se os estudantes de Ciências e Saúde.

As maiores diferenças nesta variável dão-se entre os leitores e os não leitores. 66% dos não leitores avaliam negativamente (má e regular) a sua relação com a leitura, enquanto que 70% dos leitores frequentes avalia positivamente a sua relação com a leitura (Gráfico 21).

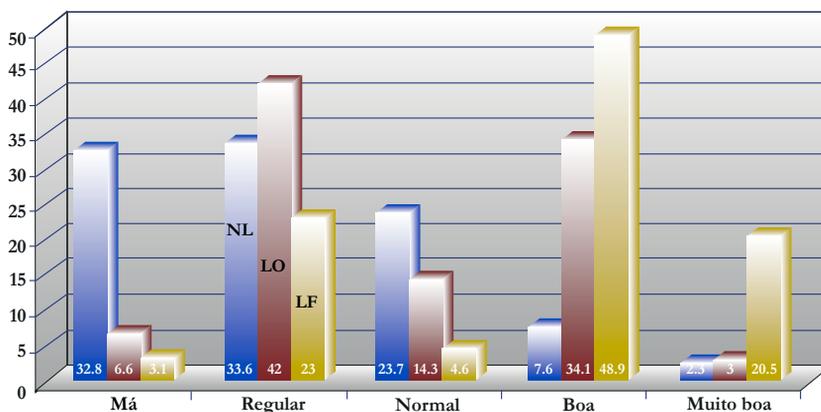


Gráfico 21: Relação com a leitura segundo a frequência de leitura (em percentagem)

3.5.2. Nível de leitura

Quase 60% dos estudantes universitários considera ter um bom nível de leitura, enquanto que à volta de 9% o avalia como mau (Gráfico 22).

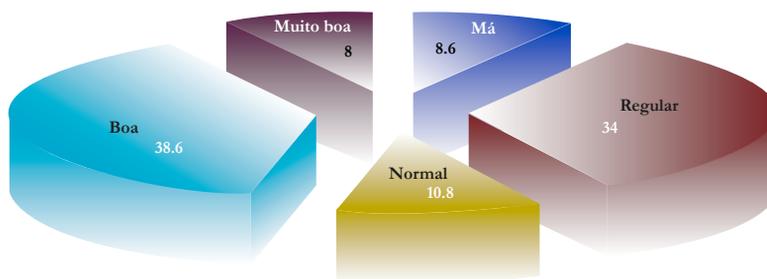


Gráfico 22: Distribuição do Nível de leitura (em percentagem)

Os homens percebem, em maior número, que o seu nível de leitura é pior que o das mulheres (13.5% de homens na categoria de mau, 6.4% das mulheres). Por idades, os maiores de 22 anos avaliam o seu nível de leitura como muito bom (Tabela 18). Destacam-se pelo seu nível de

leitura, os alunos dos cursos de Humanidades (64%) e de Informação (50%). Os alunos de Artes, Ciências e Saúde avaliam-se a si mesmos com um mau nível de leitura (mais de 40%).

Tabela 18: Nível de leitura segundo as variáveis de estudo (em percentagem)

	Mau	Regular	Normal	Bom	Muito bom
Não Leitor	36.6	32.8	18.3	10.7	1.5
L. Ocasional	6.9	47.6	15.5	28.3	1.7
L. Frequente	3.5	26.2	6.4	50.7	13.2
Homem	13.5	32.3	16.7	29.1	8.5
Mulher	6.4	35.1	9.1	41.6	7.8
19/22 anos	7.7	33.8	11.9	40.8	5.7
Mais 22 anos	9.8	34.3	9.2	35.2	11.4
Artes	10.3	32.9	15.8	37.0	4.1
Ciências	12.3	39.1	10.1	35.5	2.9
Saúde	11.0	33.1	21.3	27.6	7.1
Informação	6.3	32.4	8.1	42.3	10.8
Educação	7.9	39.0	9.1	38.0	6.0
Humanidades	5.0	19.5	5.0	50.3	20.1

Em relação à frequência de leitura, destaca-se a perceção de bom nível de leitura dos leitores frequentes, uma perceção regular nos leitores ocasionais e a baixa perceção de leitura dos não leitores (Gráfico 23).

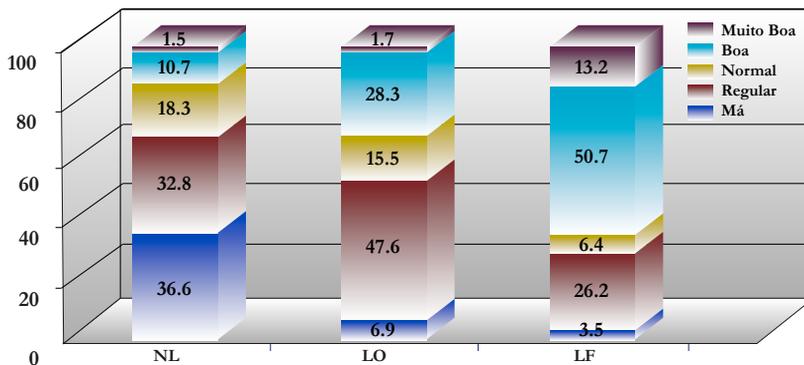


Gráfico 23: Nível de leitura segundo a frequência de leitura (em percentagem)

Entre as duas variáveis percetivas existe uma contingência significativa, de maneira que, um nível de leitura baixo está associado a uma relação negativa com a leitura e o inverso também acontece ($\chi^2 = 2165.17$, $p < .000$).

3.6. Resumo

A leitura de livros é uma prática comum a 88% dos estudantes universitários. Trata-se de pessoas que leem pelo menos uma vez por trimestre. Se considerarmos apenas os estudantes que têm a leitura como prática quotidiana, são leitores 55%. Trata-se de pessoas que leem com certa frequência e que nos inquéritos se definem como leitores frequentes. De entre eles, quase 30 em cada 100 afirmam ler todos os dias.

A maioria dos estudantes lê entre 3 e 5 livros por ano e, principalmente, leem romances. Os alunos das áreas de Humanidades são os que mais livros leem e de mais géneros literários: romances, ensaios, teatro e poesia. Os estudantes de Educação leem mais contos que os outros.

As mulheres leem mais que os homens mas são mais leitoras ocasionais. As mulheres gostam mais de histórias românticas.

Para os não leitores, a leitura não faz parte do seu tempo livre. Os leitores ocasionais selecionam a leitura depois de muitas outras atividades de tempo livre. Em consequência, observa-se que os leitores frequentes dão um alto valor à leitura. Também se destacam no valor da leitura, os estudantes das áreas de Informação e de Humanidades.

A maioria dos estudantes lê para se informar e para se atualizar. Os leitores frequentes, as mulheres e os estudantes de Humanidades afirmam, aliás, que leem porque gostam e se divertem. Dados que se confirmam quando se lhes pergunta sobre o seu gosto pela leitura.

Quase 50% dos estudantes universitários lê a imprensa com regularidade, a maioria imprensa nacional. Os homens leem, também com frequência, a imprensa desportiva.

Os estudantes do ensino superior utilizam a Internet diariamente, basicamente, para fins sociais, ainda que também procurem informação e leiam a imprensa em rede. Não existem diferenças entre a leitura de papel e a digital nesta população.

60% dos estudantes avalia de forma positiva a sua relação com a leitura e percebe que tem um bom nível de leitura. Os estudantes incluídos na categoria de não leitores avaliam o seu nível de leitura como mau e/ou regular.

4. Os hábitos de leitura dos futuros educadores

4.1. Medida do hábito de leitura

Na contingência das variáveis que analisámos, encontraram-se algumas pessoas cujas respostas sobre o seu comportamento leitor eram contraditórias, já que existia incoerência entre umas respostas e outras (Tabela 9). Por exemplo, é muito difícil manter “leio todos ou quase todos os dias” e ter lido “1 ou 2 livros” no último ano. Marcamos a cinzento as caixas que mostram um cruzamento inconsistente nos dados. Na última linha incluíram-se as percentagens de sujeitos que fornecem informação inconsistente seguindo os dados das colunas.

Tabela 19: Contingência de dedicação à leitura voluntária/livros lidos (em frequência)

Livros lidos no último ano	Dedicação leitura voluntária					
	Nunca	Quase nunca	Algumas vezes por trimestre	Algumas vezes por mês	Uma ou duas vezes por semana	Todos ou quase todos os dias
Nenhum	8	41	8	11	9	5
1 ou 2	3	55	51	79	82	42
De 3 a 5	1	17	34	135	139	76
De 6 a 10	0	1	3	32	50	76
De 11 a 15	0	1	0	8	18	30
De 16 a 20	1	0	0	1	3	33
De 21 a 50	0	0	0	0	6	30
Mais de 50	0	0	0	0	1	8
N	13	115	96	266	308	300
Inconsistência	5	19	11	20	98	123
Percentagem	38.46%	16.52%	11.46%	7.52%	31.82%	41%

Perante estes resultados consideramos necessário aplicar uma medida corretiva. É o que utilizamos como medida do comportamento leitor, a relação entre “tempo de leitura voluntária” e o “número de livros li-

dos no último ano”. O Barómetro de Hábitos de Lectura y Compra de Libros em Espanha oferece esta mesma informação cruzada desde o ano 2003. Socorremo-nos desse documento dado que em Portugal não temos um idêntico.

Considerando a variável do “tempo dedicado à leitura voluntária”, entende-se como não leitores os alunos incluídos nas duas primeiras categorias de resposta da variável “frequência de leitura voluntária” (nunca e quase nunca) e “leitor ocasional”, o que lê de vez em quando (por trimestre ou por mês); as duas restantes categorias constituem o “leitor frequente” (uma ou duas vezes por semana e todos e quase todos os dias). Os resultados, portanto, são os que já vimos na primeira parte.

Na variável “volume de leitura”, tendo em conta que a nossa amostra de estudo são alunos do ensino superior (para os quais a leitura é um instrumento de trabalho), consideramos como “não leitores” os indivíduos pertencentes às duas primeiras categorias de resposta (não ler nenhum livro e 1 ou 2 livros no último ano), por entender que na população de estudantes esse é um nível mínimo de exigência de estudo e, portanto, pode ser quantificável fora da consideração de leitura voluntária.

Tabela 20: Percentagens no cruzamento das variáveis de categorização

Frequência Leitura	Número de livros lidos		
	Não leitor	Leitor Ocasional	Leitor Frequente
Não leitor	9.7	1.7	0.2
Leitor Ocasional	13.5	18.8	0.8
Leitor Frequente	12.5	31.0	11.7

Cruzando ambas as variáveis (Tabela 20) encontramos 59.7% de sujeitos que fornece informação inconsistente. Quanto aos alunos leitores (marcado com fundo cinzento na tabela): 31.8% dá informações de diferentes níveis de leitura nas duas variáveis. Como podemos ver na tabela 20, 31% declara-se leitor frequente segundo a frequência leitora mas entra na categoria de leitor ocasional segundo a variável de número de livros lidos. 0.8% entra como leitor ocasional segundo a frequência leitora e como leitor frequente na categoria segundo o número de livros lidos. Quanto aos alunos não leitores (marcado com fundo negro na tabela): 26% categoriza-se, segundo as suas respostas de frequência leitora, como sujeito leitor (13.5% leitor ocasional, 12.5% leitor frequente) mas entra como não leitor na sua resposta ao número de livros lidos. 1.9% é não leitor segundo a frequência leitora mas proporciona infor-

mação sobre o número de livros lidos como leitor ocasional (1.7%) ou como leitor frequente (0.2%).

Para o nosso estudo com estudantes de cursos de Educação criamos quatro grupos de leitura:

- Leitores habituais (LH). É constituído pelo grupo de leitores frequentes em ambas as variáveis. São sujeitos que leem com uma frequência mínima semanal e já leram o mínimo de 11 livros, voluntariamente, durante o último ano. Designamo-los de leitores habituais por entendermos que, dentro destes critérios, a leitura está inserida no seu estilo de vida. São 11.7% da amostra.
- Leitores ocasionais (LO). Leem de vez em quando (algumas vezes por mês ou por trimestre) e já leram entre 3 e 10 livros no último ano. São metade dos estudantes (50.6%).
- Não leitores (NL). Não leem durante o seu tempo livre e leram no máximo 2 livros no último ano. Quase 10 em cada 100 estudantes do ensino superior são não leitores, segundo estes critérios.
- Falsos leitores (FL). Não leem durante o seu tempo livre, ainda que tenham lido mais de 2 livros no último ano; ou melhor, ainda que possam ter lido algumas vezes durante o seu tempo livre, não leram mais de 2 livros no último ano. No total, nesta categoria, encontramos 27.9% de estudantes.

Segundo os cursos que estão a estudar, são mais leitores os estudantes das áreas de Humanidades. Além disso, é o grupo com maior percentagem de leitores habituais (37%). São não leitores, em maior percentagem, os alunos das áreas de Artes, Ciências e Saúde.

Tabela 21: Distribuição dos grupos de leitores segundo estudos (em percentagem)

	NL	FL	LO	LH	Leitores
Artes	14.4	25.3	51.4	8.9	60.3
Ciências	14.4	36.7	40.3	8.6	48.9
Saúde	15.0	33.9	46.5	4.7	51.2
Informação	3.5	36.3	48.7	11.5	60.2
Educação	9.6	27.3	56.8	6.2	63
Humanidades	1.9	13.8	47.2	37.1	84.3

Como se pode observar (Gráfico 24), as mulheres são mais leitoras (66.1%) que os homens (40.8%), mas estes aparecem como leitores de maior intensidade (15.5%).

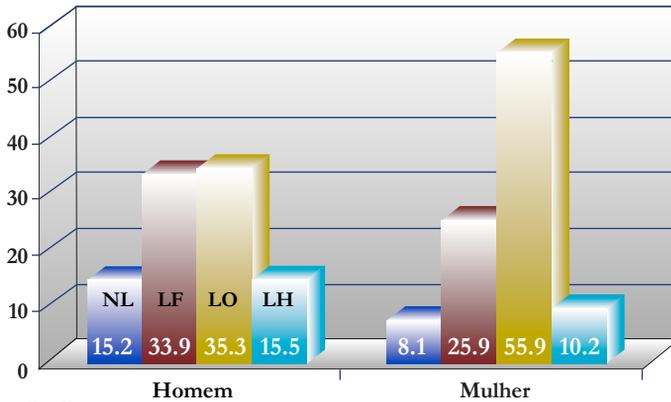


Gráfico 24: Distribuição dos grupos de leitores segundo sexo (em percentagem)

4.2. Os hábitos de leitura dos futuros educadores

A nossa amostra está composta por 420 estudantes de cursos de Educação, em que 86.9% são mulheres. Provêm de 7 instituições do norte ao sul do país: Faro (Universidade do Algarve), Braga (Universidade do Minho), Castelo Branco, Évora, Portalegre, Vila Real (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) e Viseu.

Na 1ª parte deste estudo foram 9 as instituições envolvidas, mas na 2ª parte não estão incluídos alunos das instituições de Coimbra e de Lisboa porque a amostra - aleatória relativamente à distribuição cursos/instituição - não abarcou estudantes de cursos de Educação nestes dois casos.

Interessam-nos os dados dos educadores por serem mediadores na leitura dos seus alunos. Por isso deveriam cumprir duas condições básicas: serem leitores e partilhar o gosto pela leitura.

4.2.1. Comportamento leitor

Apenas 2 alunos dos cursos de Educação dizem que nunca leem, mas 11% afirma que quase nunca lê; os homens (17.3%), em maior número que as mulheres (10.3%). 21.2% dos estudantes lê diariamente, o que mostra, nesta medida, igualdade entre homens e mulheres (Gráfico 25).

A maioria dos estudantes universitários dos cursos de Educação lê entre 3 e 5 livros (Gráfico 26). Apenas 2% lê mais de 20 livros por ano (1.4% entre 21 e 50 e 0.7% mais de 50). No caso dos estudantes de Educação, são mais leitoras as mulheres (Tabela 22).

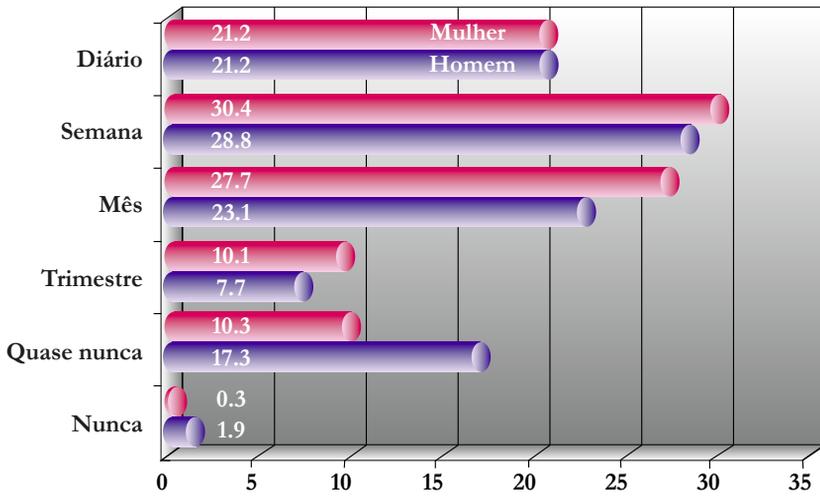


Gráfico 25. Freqüência de leitura voluntária segundo o sexo (em percentagem)

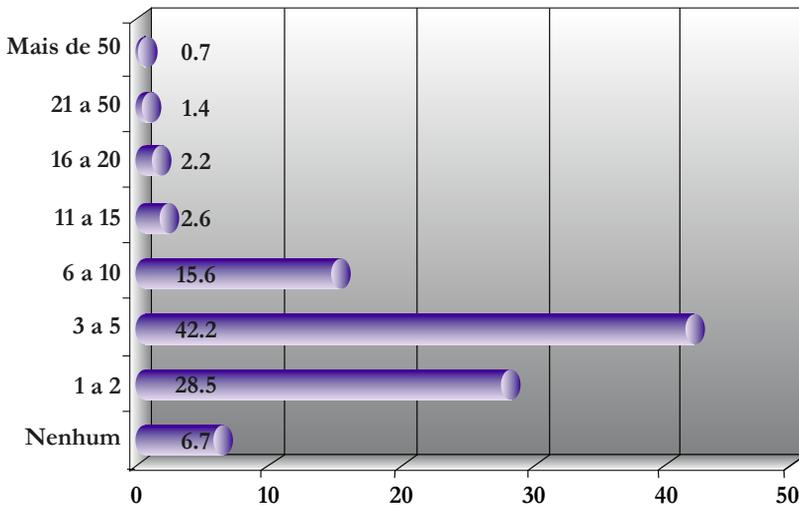


Gráfico 26. Número de livros lidos (em percentagem)

Tabela 22. Número de livros lidos segundo o sexo (em percentagem)

	Nenhum	1 ou 2	3 a 5	6 a 10	11 a 15	16 a 20	21 a 50	Mais de 50
Homem	17.0	32.1	32.1	13.2	1.9	1.9	0	1.9
Mulher	5.3	28.1	43.3	16.3	2.8	2.0	1.7	0.6

4.2.2. Hábito de leitura

63% dos alunos de Educação tem o hábito de leitura (56.8% lê ocasionalmente; 6.2% leitores habituais). Para além desses, 27.3% são falsos leitores e 6.6% são não leitores.

Analisados os resultados segundo o sexo dos estudantes (Gráfico 27), 17% dos homens são não leitores e 34% estão na categoria de falsos leitores. Nas mulheres estas duas percentagens baixam, sendo não leitoras 6.7% e 26.4% falsas leitoras.

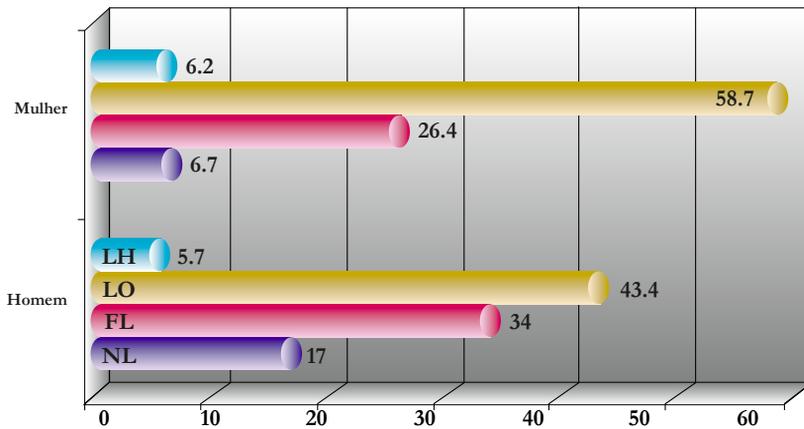


Gráfico 27. Grupos leitores segundo o sexo (em percentagem)

Contingência: $p < 0.00$

Seguidamente, realiza-se a análise dos dados dos estudantes dos cursos de Educação, segmentados segundo os hábitos de leitura, seguindo quatro grupos de estudo.

4.2.3. Preferências de leitura

Metade dos estudantes de Educação lê revistas (56.4%), 53.8% lê livros, enquanto um terço lê a imprensa (32.4%).

O hábito de leitura marca diferenças na leitura (Gráfico 28). Nos estudantes não leitores e falsos leitores predomina a leitura de revistas e jornais. Os leitores (ocasionais e habituais) destacam-se na leitura de livros. Os leitores ocasionais leem mais revistas que os leitores habituais.

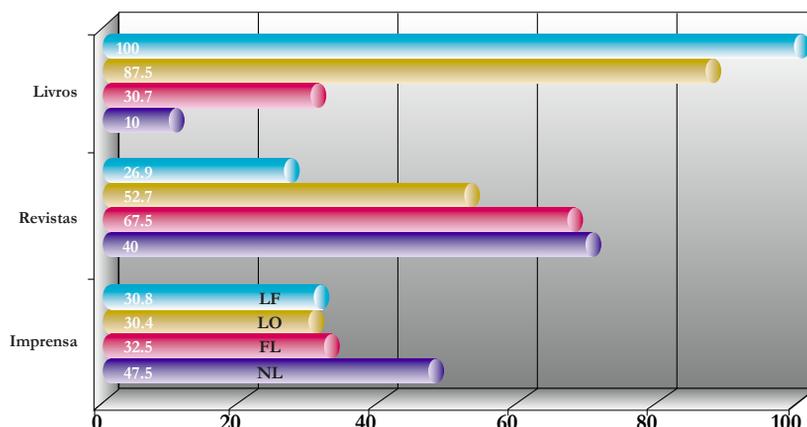


Gráfico 28. Leitura de imprensa, revistas e livros segundo hábito de leitura (em percentagem)

Segundo o sexo, os padrões de leitura diferem entre os grupos de hábito de leitura. Leem a imprensa os homens não leitores (100%) e falsos leitores (77.8%) e revistas, as mulheres não leitoras (83.9%) e falsas leitoras (70.2%).

No que respeita ao tipo de leitura que preferem, destacam-se em todos os grupos o romance e o conto. Neste último género literário (o conto) não se verificam, praticamente, diferenças entre leitores e não leitores (Tabela 23).

Tabela 23. Géneros literários preferidos segundo hábito de leitura (em percentagem)

	Ensaio	Romance	Poesia	Conto	Teatro
Não Leitor	1.8	70.0	8.0	32.5	1.0
Falso Leitor	2.5	71.1	9.6	34.2	3.8
L. Ocasional	5.9	80.2	11.2	37.4	5.3
L. Habitual	19.2	100	15.5	38.9	7.2

A análise da leitura de contos, segundo o hábito de leitura e o sexo, revela que as mulheres leitoras (ocasionais e habituais) leem mais contos que os homens leitores (Gráfico 29). Parece necessário colocar algumas dúvidas sobre o carácter voluntário da leitura de contos nos profissionais da Educação. São realmente leituras voluntárias? Estamos certos que não entram dentro do currículo de formação dos estudantes dos cursos ligados à Educação?

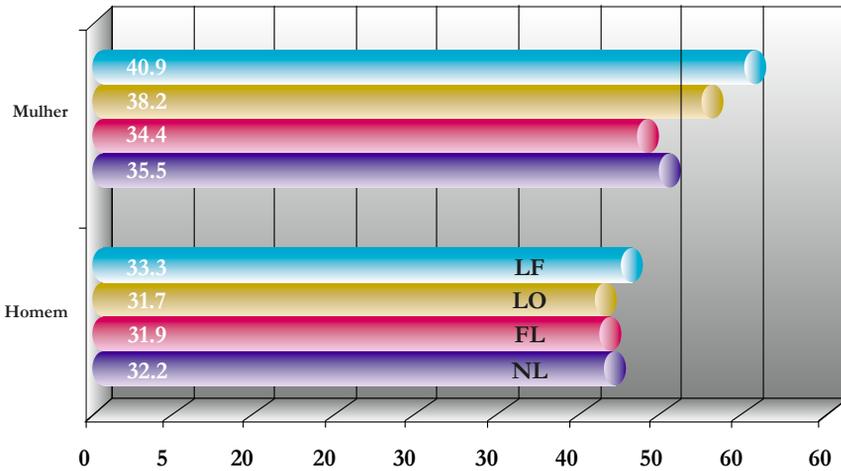


Gráfico 29: Leitura de contos segundo hábito de leitura e sexo (em percentagem)

4.2.4. Leitura e estilo de vida

A ordem de preferência das atividades de lazer, segundo o seu hábito de leitura, reflete claramente o significado da leitura para os estudantes universitários dos cursos de Educação (Tabela 30). Para os não leitores, a leitura de livros fica na última posição, inclusivamente depois de “não fazer nada”. Os falsos leitores pretendem dar uma melhor imagem e situam-na acima do cinema e de “não fazer nada”. Os classificados como leitores têm inserida a leitura no seu tempo de lazer e observa-se que os leitores habituais situam a leitura num lugar preferente, como primeira atividade de lazer.

Tabela 30: Atividades durante o tempo livre segundo o hábito de leitura

Não leitor	Falso leitor	Leitor ocasional	Leitor habitual
Computador	Computador	Computado	Leitura livros
Televisão	Televisão	Televisão	Computador
Estudar	Estudar	Estudar	Televisão
Tarefas domésticas	Rádio	Rádio	Estudar
Rádio	Tarefas domésticas	Tarefas domésticas	Tarefas domésticas
Lojas	Lojas	Leitura livros	Rádio
Desporto	“Copos”	Lojas	Cinema
“Copos”	Discoteca	Campo	Campo
Discoteca	Desporto	Desporto	Lojas
Campo	Campo	Discoteca	Desporto
Nada	Leitura livros	“Copos”	“Copos”
Cinema	Cinema	Cinema	Discoteca
Leitura livros	Nada	Nada	Nada

Se analisamos o tempo de lazer, podemos ver que se segue um padrão comum similar. Os jovens dedicam, geralmente, o seu tempo livre ao computador, à televisão e à rádio e, como são estudantes, também têm que dedicar tempo ao estudo. Além disso, como muitos deles vivem em apartamentos, têm que ocupar também o tempo com tarefas domésticas. Os leitores situam em lugar não preferencial, numa sequência, nas suas atividades, “beber um copo” e ir à discoteca.

É indicada na tabela, também, a opção do cinema. Entendemos que o cinema também é narrativa, já que se trata de contar histórias em formato audiovisual. A posição do cinema nos padrões de lazer dos leitores reforça os resultados sobre o interesse na leitura; para os não leitores o cinema não tem sequer interesse.

Todos os estudantes dos cursos de Educação valorizam a leitura. Os valores médios situam-se acima da média teórica (2.5); no entanto, o valor que atribuem à leitura aumenta conforme aumenta o hábito de leitura, sendo superior para todos os grupos nas mulheres (Gráfico 31).

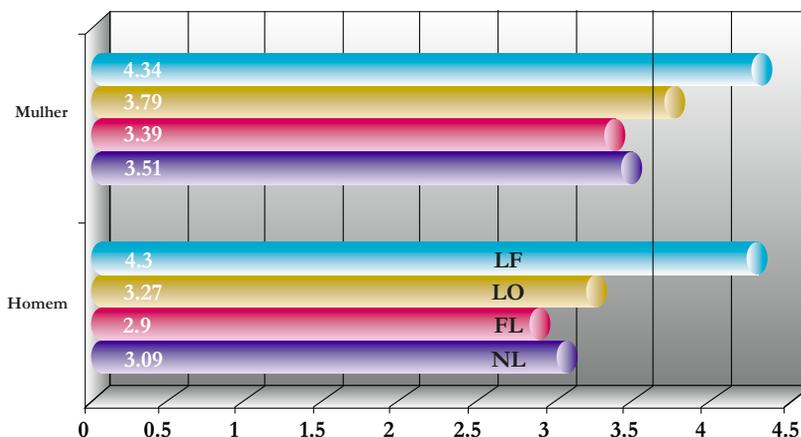


Gráfico 31. Valor da leitura segundo hábito de leitura e sexo (média)

Nota: O hábito de leitura avalia-se de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Máxima importância)

A análise independente de cada item da escala do valor da leitura mostra, também, resultados interessantes, que marcam padrões diferenciais entre leitores e não leitores (Tabela 24). Como futuros especialistas da educação, todos os grupos dão mais valor ao item: “desenvolver o gosto pela leitura nas crianças”. Os estudantes não leitores e falsos leitores concedem menos importância aos itens de

dedicação à leitura; contudo, os estudantes leitores atribuem uma pontuação baixa ao valor instrumental da leitura (o prestígio e encontrar um trabalho melhor).

Tabela 24. Itens da escala do valor da leitura segundo o hábito de leitura (média)

	NL	FL	LO	LH
Ler um pouco todos os dias	2.93	2.94	3.54	4.38
Cuidar e respeitar os livros	4.30	3.77	4.21	4.58
Ser leitor	3.20	3.28	3.78	4.58
Dedicar uma parte do dia à leitura	2.95	2.94	3.50	4.46
Adquirir conhecimentos através da leitura	3.98	3.76	4.06	4.58
Desfrutar o meu tempo de lazer com um bom livro	2.93	3.04	3.59	4.58
Desenvolver o gosto pela leitura nas crianças	4.35	4.14	4.41	4.77
Partilhar com os meus amigos as experiências de leitura	3.25	3.21	3.61	4.42
Ser leitor facilita-te encontrar um trabalho melhor	3.10	3.00	3.32	3.62
Ler dá-te prestígio	3.23	3.06	3.46	3.52

NOTA: O hábito de leitura avalia-se de 1 (Nenhuma importância) a 5 (Máxima importância)

4.2.5. Fatores motivacionais

Os estudantes dos cursos de Educação leem para se informar (61.2%), para se atualizar (46.0%) e para aprender (42.4%). Também 47.4% lê porque gosta.

Analisados os resultados segundo o hábito de leitura (Tabela 25), os estudantes que não leem de forma voluntária (não leitores e falsos leitores) informam que quando leem, fazem-no, basicamente, para se informar e atualizar. Os grupos de leitores (ocasional e habitual) afirmam, também, que leem porque gostam e os leitores habituais acrescentam, aliás, que a leitura os diverte.

Tabela 25. Motivos de leitura segundo o hábito de leitura (percentagem)

	No Leitor	Falso Leitor	Leitor Ocasional	Leitor Habitual
Diverte-me	15.0	9.6	19.8	38.5
Evado-me	2.5	0.9	3.8	7.7
Aprendo	32.5	38.6	43.9	57.7
Gosto	27.5	34.2	54.4	69.2
Informo-me	72.5	59.6	61.6	50.0
Atualiza-me	42.5	43.9	46.8	57.7

Agruparam-se os itens em função da motivação que representam. Assim, os leitores que têm motivação intrínseca para ler estão motivados pelo próprio valor da leitura (diverte-os, evadem-se e gostam); os que têm motivação extrínseca estão movidos por fatores externos à leitura, tudo o que a leitura proporciona como instrumento (aprender, informar, atualizar). Analisado o somatório das respostas percentuais nestas duas categorias de análise (Gráfico 32), verifica-se mais facilmente as diferenças entre os diferentes grupos formados em função do hábito de leitura, principalmente, por motivos instrumentais. Os grupos de leitores apresentam uma motivação multifactorial, sem renunciar aos benefícios instrumentais da leitura, também leem pelo valor da leitura em si mesma e pelo valor intrínseco de ler. Destaca-se o grupo de leitores habituais pelo valor intrínseco que atribuem à leitura. O grupo de estudantes não leitores concede-lhe um valor extrínseco superior ao resto dos estudantes.

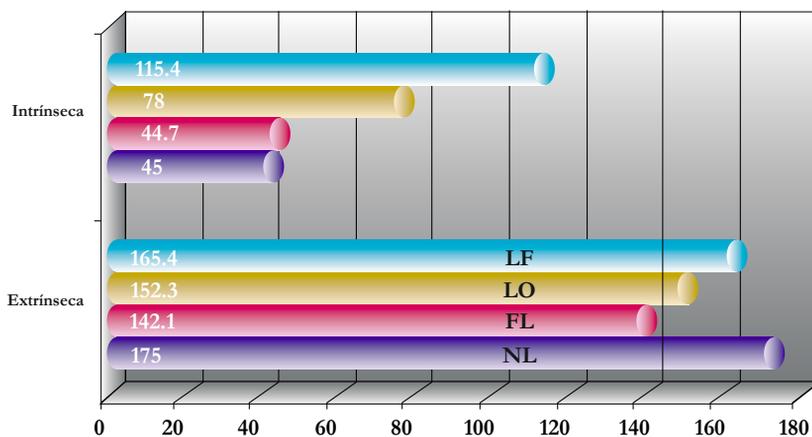


Gráfico 32. Motivação leitora segundo o hábito de leitura (somatório de percentagens)

O gosto pela leitura apresenta uma distribuição ascendente conforme se aumenta o hábito de leitura. Numa escala de medida de 1 a 10 pontos, os não leitores ficam abaixo da média (4.25), os falsos leitores alcançam o valor médio (5.45), os leitores ocasionais estão acima de 7 pontos (7.08) e os leitores habituais chegam praticamente a 9 (8.92). No Gráfico 33 podem observar-se os valores médios dos grupos de estudo divididos por sexo, nos quais se verifica também que os homens valorizam a leitura ligeiramente abaixo das mulheres.

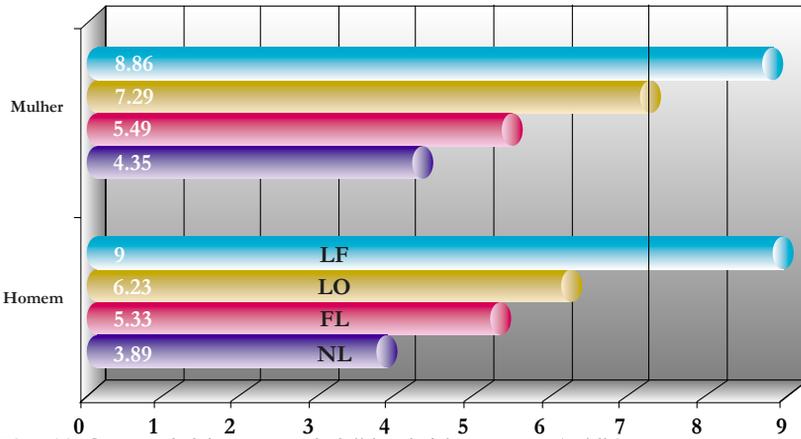


Gráfico 33. Gosto pela leitura segundo hábito de leitura e sexo (média)

Nota: O gosto pela leitura mede-se numa escala que vai de 1 a 10 pontos

4.2.6. Fatores percetivos

Os estudantes dos cursos de Educação parecem ter uma perceção objetiva sobre a sua relação com a leitura e também na avaliação do seu nível de leitura. Ambas as variáveis aumentam o seu valor conforme aumenta o hábito de leitura dos estudantes (Gráfico 34).

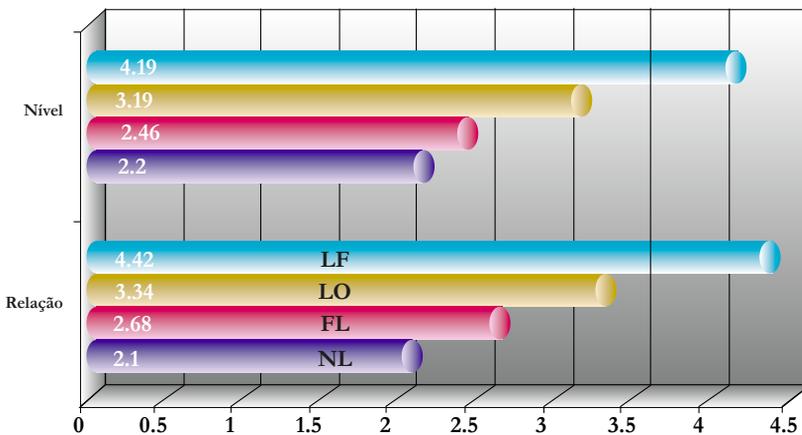


Gráfico 34. Relação com a leitura e nível de leitura segundo hábito de leitura e sexo (média)

Nota: A avaliação do nível leitor mede-se numa escala de 1 (Mau/Má) a 5 (Muito bom/Muito boa)

Se analisamos as percentagens de resposta que os alunos têm com a leitura, observamos claramente que os estudantes dos níveis de má e regular relação com a leitura se colocam entre os não leitores e falsos leitores. Mais

de um terço dos não leitores mantém uma imagem de leitores, valorizando positivamente a sua relação com a leitura. Os leitores situam-se na faixa positiva e, dentro destes, 100% dos leitores habituais revelam uma auto-imagem “Boa” e “Muito Boa” na relação com a leitura (Tabela 26).

Tabela 26. Relação com a leitura segundo o hábito de leitura (percentagem)

	Total	Não Leitor	Falso Leitor	Leitor Ocasional	Leitor Habitual
Má	6.9	32.5	10.5	1.7	0
Regular	35.6	42.5	43.9	33.3	0
Normal	7.9	10.0	13.2	5.9	0
Boa	39.6	12.5	31.6	47.7	50.0
Muito boa	10.0	2.5	0.9	11.4	50.0

No nível de leitura produz-se, basicamente, a mesma distribuição (Tabela 27).

Tabela 27. Nível de leitura segundo o hábito de leitura (percentagens)

	Total	Não Leitor	Falso Leitor	Leitor Ocasional	Leitor Habitual
Mau	7.9	27.5	14.0	2.5	0
Regular	39.0	45.0	49.1	36.4	0
Normal	9.1	10.0	14.0	7.6	0
Bom	38.0	15.0	21.9	46.6	69.2
Muito bom	6.0	2.5	0.9	6.8	30.8

4.3. Perfis de leitura dos estudantes de educação

No seu conjunto, estes resultados marcam padrões de conduta diferentes para leitores e não leitores.

Padrões de leitura do estudante do ensino superior não leitor:

- Apenas se aproximam da leitura de forma esporádica.
- A leitura dos homens dirige-se para a imprensa, enquanto as mulheres preferem as revistas.
- A motivação leitora é instrumental, utilizando-se para obter informação.
- No seu estilo de vida de lazer não entra a leitura.
- Realmente, não gostam de ler.
- Avaliam a sua relação com a leitura como regular, mas a perceção do

seu nível de leitura é superior ao real.

- Estes alunos não conseguem criar o hábito de leitura. Os seus interesses pessoais estão afastados da leitura e a motivação intrínseca é limitada perante a leitura e a aprendizagem.

Padrão de leitura do estudante do ensino superior leitor:

- Interessam-se pela leitura.
- Predomina a leitura de romances, mas não renunciam a outros géneros literários.
- Também são leitores de imprensa.
- A motivação leitora é multifactorial e centra-se, basicamente, no facto de gostarem e divertirem-se quando leem.
- Gostam de ler e fazem-no regularmente.
- Têm a leitura inserida no seu estilo de vida de lazer.
- Avaliam positivamente a sua relação com a leitura e vêem-se como tendo um bom nível de leitura.

Padrão do aluno falso leitor:

- São pessoas que leem de vez em quando.
- Ainda que leiam, não dedicam o seu tempo de lazer à leitura voluntária.
- São leitores instrumentais que leem, fundamentalmente, para estarem informados.
- Rebaixam o nível de consideração que definiria o sujeito leitor, para encaixarem, eles mesmos, dentro desta categoria.
- Não desgostam da leitura, mas também não têm o hábito de ler.
- Acedem aos livros de forma restringida.
- Mantêm-se na zona intermédia entre os não leitores e os leitores.

Pensamos que, em função da sua evolução em relação à leitura, poderão estabelecer-se num grupo ou noutro (não leitor ou leitor). Este seria um grupo-alvo de atuação em campanhas de formação e promoção da leitura, para tentar transformá-los em sujeitos leitores.

4.4. Resumo

Segundo estes dados, leem diariamente 21% dos estudantes dos cursos de Educação, enquanto 25% o fazem algumas vezes por semana. No entanto, 12 % não lê nunca ou quase nunca. No que respeita ao número de livros, a maioria lê entre 3 e 5 livros por ano. Os resultados mostram que são mais leitoras as mulheres que os homens. É importante que os estudantes de Educação tenham hábito de leitura, já que serão os futuros profissionais que intervirão na construção dos hábitos de leitura das crianças e jovens.

Pouco mais que metade (63%) dos estudantes dos cursos de Educação lê voluntariamente e podemos considerá-los leitores. 56.8% lê de forma ocasional e 6.2% lê habitualmente. 6.6% declara-se não leitor e 27.3%, apesar de fornecerem informações de leitores em alguma variável, são realmente não leitores e fazem parte do grupo a que chamamos de falsos leitores.

Os estudantes que são leitores acedem a todo o tipo de leitura, imprensa, revistas e livros. No tipo de leituras que fazem, predominam maioritariamente os romances, mas leem também ensaios, poesia e teatro. Também é importante a leitura de contos. Além disso, têm a leitura inserida no seu estilo de vida de lazer e dedicam parte do seu tempo livre à leitura, considerando-a um valor intrínseco, porque gostam e divertem-se a ler.

Os não leitores leem, basicamente, a imprensa (os homens) e revistas (as mulheres). Na leitura de livros, informam que leem romances e supomos que se trata de *best-sellers*, como referido noutros estudos. A leitura não faz parte do seu tempo de lazer, ainda que a valorizem pelo seu valor intrínseco, lendo por motivos instrumentais. Realmente não gostam de ler e a sua leitura não é por prazer, sendo esta uma das causas pela qual não realizam a atividade de leitura de forma voluntária.

Embora todos os estudantes dos cursos de Educação considerem muito importante desenvolver o gosto pela leitura nas crianças, o grupo dos não leitores tem pela frente uma tarefa difícil. Mais importante, ainda, é que as crianças que tenham de desenvolver os hábitos pela leitura com especialistas de educação não leitores, sem dúvida, terão pela frente um futuro leitor muito incerto.

5. Conclusões

Os resultados obtidos na primeira fase da investigação confirmam os dados proporcionados por outros inquéritos, nas quais se dá uma frequência superior na conduta leitora dos estudantes, em relação ao resto da população. Da mesma maneira, encontram-se índices de leitura mais altos nas mulheres estudantes do ensino superior, que nos homens.

Entre estes estudantes predominam os que leem algumas vezes por semana e no género literário que seleccionam predomina o romance.

Em geral, os estudantes são encaminhados para a leitura porque gostam, mas também se destaca a leitura instrumental, ainda que se produza em maior medida nos homens. Encontramos diferentes comportamentos leitores segundo os cursos que os alunos frequentam, mas este facto pode depender mais dos interesses e valores pessoais do sujeito, anteriores aos estudos, que dos próprios estudos.

A análise do padrão de leitura confirma que ser ou não ser leitor é bastante mais que o simples facto de ler. O que define a pessoa sem hábito de leitura não é exatamente não ler, mas sim ler apenas por obrigação e com uma motivação instrumental, restringindo a sua atividade de leitura ao mínimo requerido. A seleção de livros de leitura voluntária dirige-se, quase exclusivamente, aos romances; no resto das leituras, como referido, os homens leem mais jornais e as mulheres revistas.

Os estudantes entendem a sua relação com a leitura como regular e consideram que o seu nível de leitura é normal. Este facto reflete estilos nos quais a leitura voluntária não costuma aparecer. Entendemos que se trata de sujeitos sem hábito de leitura, independentemente de poderem ter lido, ocasionalmente, algum livro, que por vezes, lhes serve de justificação social. Essa leitura esporádica pode levá-los a considerarem-se sujeitos leitores (correspondendo à imagem social de estudantes do ensino superior) e va-

lorando o seu nível leitor dentro da normalidade, reconhecendo, por outro lado, que a sua relação com a leitura não é boa.

O padrão de leitura dos sujeitos leitores fica definido pela realização da conduta voluntária de ler. Não se trata apenas de que leiam mais, mas sim das diferenças na própria conduta de leitura. Estas pessoas são encaminhadas para a leitura por uma motivação intrínseca: gostam e entretêm-se a ler. Além disso, estes estudantes avaliam positivamente a sua relação com a leitura e veem-se como tendo um bom nível de leitura.

Se olharmos para o padrão de leitura dos leitores habituais, confirma-se a importância que possui o facto da atividade de leitura estar inserida nas atividades de lazer e passar a fazer parte do estilo de vida. Os dados refletem a importância das variáveis motivacionais que direcionam o ato de ler, destacando, basicamente, a motivação intrínseca de ler por gosto.

Os sujeitos do nosso estudo, sendo alunos do ensino superior, trazem associada à sua imagem social a prática da atividade leitora, em relação às duas categorias sociais que representam: estudantes e de um nível académico superior. Este facto, unido à representação social positiva do leitor, leva a que alguns sujeitos distorçam a sua imagem leitora para obter aceitabilidade social.

Esta circunstância levou-nos a situar estes sujeitos num grupo independente de estudo, ao qual denominamos de falsos leitores. Este grupo apresenta características diferenciais, que aparecem refletidas tanto na sua conduta de leitura como nas variáveis motivacionais da mesma. Os falsos leitores situam-se num padrão leitor intermédio. Leem algumas vezes, mas esta conduta não está inserida no seu estilo de vida. A sua aproximação à leitura é esporádica e, ainda que não desgostem desta atividade, não conseguiram incluí-la, de forma sistemática, no seu tempo de lazer. Leem, geralmente, para estar informados e avaliam o seu nível de leitura como adequado. Podem chegar a entender-se como leitores, mesmo que na verdade não tenham desenvolvido o hábito de ler. A justificação que os falsos leitores dão para o facto de não lerem, pode refletir a configuração sociocultural do lazer e a baixa motivação social existente para a leitura no nosso contexto. Mantêm uma relação positiva com a leitura e consideram-se como sujeitos leitores.

O paralelismo que se encontra entre o gosto pela leitura e o comportamento leitor leva a que a consideração de que o fundamental na criação dos hábitos leitores é desenvolver o gosto pela leitura. Mas o gosto pela leitura não é inato, é necessário despertá-lo e moldá-lo desde

a mais tenra idade, sendo fundamental para o seu desenvolvimento a ação do contexto social. Devemos ter em conta que o gosto pela leitura é originado na base de uma motivação intrínseca por ler, unido a que se consiga desfrutar da atividade de leitura. Isto torna imprescindível que os educadores, como mediadores entre as crianças e a leitura, leiam e gostem de ler, para que possam ser modelos que despertem a motivação pela leitura. É importante que os professores não só proporcionem o instrumento (a aprendizagem da linguagem escrita), mas que construam conjuntamente com a criança a capacidade de o utilizar. Esta é a razão pela qual destacamos os dados destes estudantes e a importância da sua implicação no futuro leitor dos seus alunos. A leitura é uma dimensão de primeira necessidade para o desenvolvimento cultural, indispensável para conseguir um desenvolvimento individual e uma adaptação plena do indivíduo numa sociedade letrada. Mas, além disso, a leitura também é uma atividade lúdica que oferece a possibilidade de divertimento. O objetivo é descobrir a leitura como mais uma alternativa de atividade de lazer, que se pode escolher livremente. Um aluno só será leitor se sentir interesse pelos livros e pela leitura, tendo em conta a importância que para a motivação infantil tem o modelo que produz o que ouvem e o que veem. É importante pensar que ativamos esta motivação quando temos uma imersão agradável no mundo da leitura, através da imitação de outros leitores. Isto reforça a importância do modelo dos educadores na formação de hábitos de leitura.

Sem dúvida, os mediadores que consideram a leitura apenas pelo seu valor instrumental não chegam a construir leitores. O problema dos educadores que são leitores instrumentais (falsos leitores), é que podem levar a programar apenas atividades de instrumentalização da leitura e, com isso, esquecer o valor da própria leitura. Não podemos ignorar que a verdadeira literatura não se propõe, a priori, ensinar nada. O autor escreve pelo prazer de escrever e o verdadeiro leitor lê o livro pelo prazer de o ler. O objetivo deve ser que a leitura se converta num prazer, primando a gratuidade e a liberdade da ação. É necessário remover o papel de leitor e o da leitura da obrigatoriedade e da instrumentalidade curricular, tentando inserir o comportamento leitor no tempo de lazer. A obrigatoriedade pode levar, em princípio, a altos índices fictícios de leitura durante a idade escolar mas, em nenhum caso, cria leitores.

Torna-se preocupante a percentagem de estudantes do ensino superior dos cursos de Educação que são não leitores ou falsos leitores. A

situação que encontramos mostra que cerca de metade dos futuros educadores não são leitores e um terço não mostra um padrão motivacional de aproximação e gosto pela leitura.

Um estudo similar, feito cerca de 3 anos antes deste, num universo mais reduzido e só de estudantes de cursos de Educação (Cursos de Ensino Básico - futuros Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo), o qual já foi referido na Introdução, apontava também para estas tendências. Os autores consideraram, por isso, que o estudante do ensino superior deveria ser encarado como “um “leitor em construção”, ao contrário da ideia pré-estabelecida de que nesta idade e fase académica, os alunos já adquiriram uma competência leitora e maturidade que dispensa a intervenção dos professores e/ ou de estratégias diversas (como a promoção de Clubes de Leitura) para a sua consolidação como leitores autónomos, conscientes e críticos” (Balça et ali, 2009, pp.252-253).

O desafio da adaptação ao Espaço Europeu de Ensino Superior exige-nos, como educadores, trabalhar não só o conhecimento, mas também desenvolver e potenciar as atitudes e competências dos futuros profissionais. Neste âmbito, torna-se imprescindível incluir a leitura e potenciar os hábitos de leitura de todos os cidadãos e, especialmente, daqueles cujo futuro profissional estará no campo educativo.

Bibliografia

- Balça, A.; Costa, P.; Pires, N.; Pais, A. (2009). Leitores em construção (?): Leitura(s) no Ensino Superior em Portugal – alguns indicadores. In E. M. Núñez y T.M.K. Rösing (Coords.). *Práticas de Lectura y Escritura* (pp. 237-258). Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo-UPF.
- Lages, M.; Liz, C.; António, J.; Correia, T. (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. Ministério da Educação.
- Larrañaga, E. y Yubero, S. (2005). El hábito lector como actitud. El origen de la categoría de falsos lectores. *Ocnos*, 1, 43-60.
- Larrañaga, E., Yubero, S. y Cerrillo, P.C. (2004). El valor de la lectura: un análisis de la imagen social del lector. In S. Yubero, E. Larrañaga y P.C. Cerrillo (Coords.), *Valores y lectura. Estudios multidisciplinares* (pp. 15-38). Cuenca: Servicio Publicaciones UCLM.
- Larrañaga, E., Yubero, S. y Cerrillo, P.C. (2008). Estudio sobre los hábitos de lectura de los universitarios españoles. Madrid: CEPLI/SM.
- Yubero, S., Larrañaga, E. y Cerrillo, P.C. (2004). *Valores y lectura. Estudios multidisciplinares*. Cuenca: Servicio Publicaciones UCLM.
- Yubero, S. y Larrañaga, E. (2010). El valor de la lectura en relación con el comportamiento lector. Un estudio sobre los hábitos lectores y el estilo de vida en niños. *Ocnos*, 6, 7-20.
- Yubero, S., Larrañaga, E. y Cerrillo, P.C. (2009). El valor de la lectura en la formación del hábito lector de los estudiantes universitarios. In E. Martos y T.M.K. Rösing (Coords.), *Práticas de lectura y escritura* (pp. 115-136). Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo-UPF.

ANEXO: Questionário**HÁBITOS LEITORES EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS (2011-2012)****Centro de Estudios para la Promoción de la Lectura - CEPLI - (UCLM)**

Idade: ____ anos Sexo: 1 Homem 2 Mulher

Universidade/ Instituto Politécnico:

Grau/Habilitações: _____ Curso: _____

Quanto tempo livre tens?

1 Nenhum 2 Pouco 3 Normal 4 Bastante 5 Muito

Como avalias o teu tempo de lazer?

1 Muito insatisfatório 2 Insatisfatório 3 Indiferente 4 Satisfatório 5 Muito satisfatório

Quanto tempo dedicas a estas actividades durante o teu tempo livre?

	Nenhum	Pouco	Algum	Bastante	Muito
Cinema, teatro e espectáculos	1	2	3	4	5
Desporto	1	2	3	4	5
Ver lojas ou passear pela cidade	1	2	3	4	5
Idas ao campo	1	2	3	4	5
Beber uns copos	1	2	3	4	5
Dançar em discotecas ou similares	1	2	3	4	5
Ler livros	1	2	3	4	5
Ver TV/vídeo	1	2	3	4	5
Ouvir rádio	1	2	3	4	5
Computador: internet/videojogos	1	2	3	4	5
Deixar passar o tempo sem fazer nada	1	2	3	4	5
Fazer tarefas domésticas	1	2	3	4	5
Estudar	1	2	3	4	5
Ler a imprensa/revistas	1	2	3	4	5

Outra _____

Em relação à leitura, marca o grau de importância que estas questões têm para ti.

	Nenhuma				Máxima
1.- Ler um pouco todos os dias.	1	2	3	4	5
2.- Cuidar e respeitar os livros.	1	2	3	4	5
3.- Ser leitor.	1	2	3	4	5
4.- Dedicar uma parte do dia à leitura.	1	2	3	4	5
5.- Adquirir conhecimentos através da leitura.	1	2	3	4	5
6.- Desfrutar parte do meu tempo de lazer com um bom livro.	1	2	3	4	5
7.- Desenvolver o gosto leitor nas crianças.	1	2	3	4	5
8.- Partilhar com os meus amigos as experiências leitoras.	1	2	3	4	5
9.- Ser leitor facilita-te encontrar um trabalho melhor.	1	2	3	4	5
10.- Ler dá-te prestígio.	1	2	3	4	5

Como achas que é a tua relação com a leitura?

1 Má 2 Normal 3 Indiferente 4 Boa 5 Muito boa

Em função do teu comportamento leitor, qual achas que é o teu nível leitor?

1 Mau 2 Mais ou menos 3 Normal 4 Bom 5 Muito bom

Quanto gostas de ler?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Em que suporte lês?

	Nunca	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por semana	Todos ou quase todos os dias
Digital	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Impresso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Que tipo de suporte digital utilizas?

Computador Telemóvel, agenda electrónica E-Reader/ E-book

Além das leituras para estudar, quanto lês de *forma voluntária* no teu tempo livre?

Todos ou quase todos os dias Algumas vezes por trimestre
 Uma ou duas vezes por semana Quase nunca
 Algumas vezes por mês Nunca

De que género de literatura gostas mais?

Ensaio Poesia Teatro
 Romance Conto Outro: _____

Que tipo de romance te desperta mais interesse?

Histórico Aventuras Intriga/Mistério
 Romântico Terror Ficção científica/Fantasia
 Outra: _____

Com que frequência lês a imprensa periódica?

Todos os dias Um dia por semana Quase todos os dias
 De vez em quando Nunca

Que jornais?

Nacionais Desportivos Locais

Por que lês?

Diverte-me Evado-me Aprendo
 Gosto Informo-me Estou actualizado

Outros _____

Quantos livros de *leitura voluntária* leste no último ano?

Nenhum de 3 a 5 de 11 a 15 de 21 a 50
 1 ou 2 de 6 a 10 de 16 a 20 mais de 50

Com que frequência utilizas Internet para as seguintes *actividades de leitura*?

	Nunca	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por semana	Todos ou quase todos os dias
Procurar informação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ler livros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Imprensa/revistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Descarregar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comprar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Blogues ou fóruns	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

...jetos do se
...áticas regulares
...Progressiva a
...legar ao Ensin
...uma desenv
...le encetar o se
...que fosse este
...em
...razer de pref
...a realidade

...conhec
...or, sabemos, isso
...n que a imitação é
...a que ouve ler his-
...habitu a contactar
...melhores condições
...toda a vida
...quando se mais tarde
...e que ninguém
...a decidir quando lê, o
...leva alguém a nasce
...será provavelmente um
...penham um papel decisivo
...de uma maioria dos
...objetos do seu quotidiano
...áticas regulares de leitura
...progressiva autonomia
...legar ao Ensino Superior
...le uma desenvoltura
...le encetar o seu percurso
...que fosse este

...e que nunca conheceremo
...sabemos, isso
...com leitor
...formando-se um
...desde cedo, em que a imitação e
...A criança que ouve ler his-
...hábitua a contactar
...melhores condições
...quando se mais tarde
...será provavelmente um
...retrato da maioria dos nossos
...muitos casos há e a